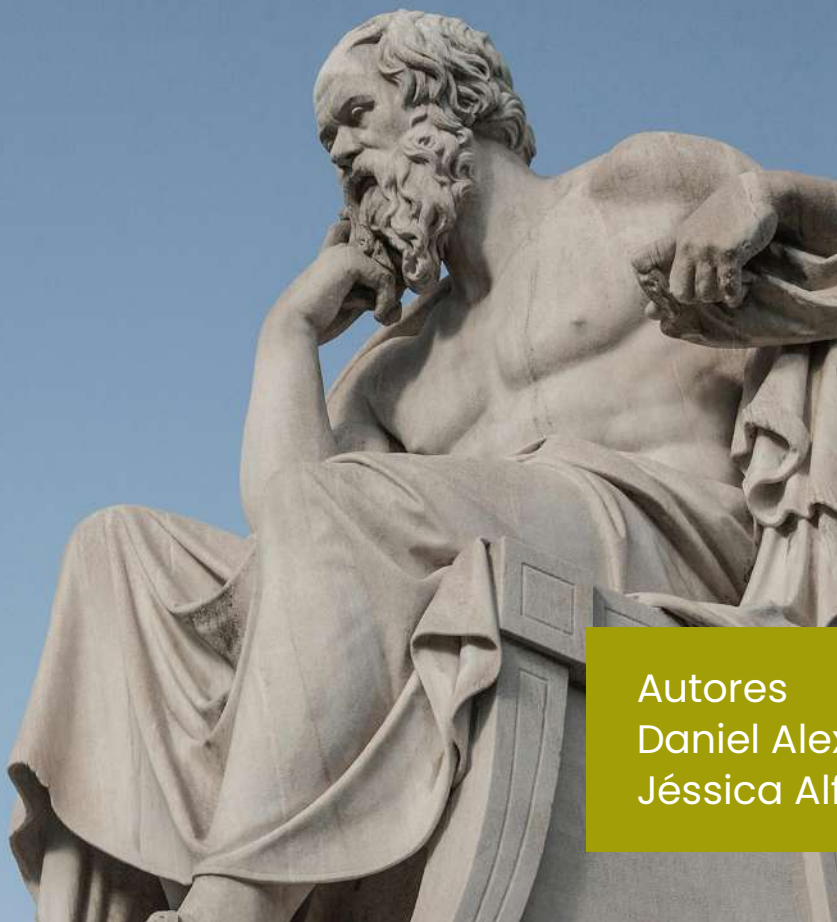




OUTUBRO 2025

MANUAL DE FILOSOFIA

Para exames de admissão



"Só sei que nada sei"
Sócrates

Autores
Daniel Alexandre Ngovene
Jéssica Alfeu Mbanguine

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I: CONCEITOS BÁSICOS DE FILOSOFIA	5
1.1	Definição nominal.....	5
1.2	Definição descritiva como problema filosófico.....	5
1.3	Método, objecto e o instrumento da Filosofia.....	6
1.4	Filosofia e outras formas de conhecimento	8
2	CAPÍTULO I: AS ORIGENS DA FILOSOFIA	10
2.1	Mito e Filosofia	10
2.2	O nascimento da Filosofia.....	11
2.3	A Polis e o nascimento da Filosofia.....	12
2.4	Filosofia elementar ou espontânea e Filosofia sistemática	12
2.4.1	Atitude filosófica.....	13
2.4.2	Características ou especificidades da Filosofia	14
3	CAPÍTULO III: EVOLUÇÃO DA FILOSOFIA DESDE ANTIGUIDADE ATÉ A ÉPOCA CONTEMPORÂNEA.....	18
3.1	Etapas da História da Filosofia.....	18
4	CAPÍTULO IV: FILOSOFIA MEDIEVAL: SÉC. IV D.C. ATÉ AO SÉC. XIV	37
4.1	Características gerais da Idade Média.....	38
4.1.1	Principais escolas medievais:	38
4.2	A Filosofia no Renascimento.....	40
5	CAPÍTULO V: FILOSOFIA MODERNA (SÉC. XVI- XVIII)	42
5.1	Características da Idade Moderna:	42
5.1.1	Escolas filosóficas	42
5.1.2	Escola racionalista.....	42
5.1.3	Escola Empirista	43
5.2	Filosofia Clássica Alemã	44
5.2.1	Iluminismo ou Ilustração	45
6	CAPÍTULO VI: FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA (FINAL DO SÉC.XVIII ATÉ AOS NOSSOS DIAS).	47
6.1	Escolas filosóficas contemporâneas	47
6.2	Escola voluntarista	47

6.3	Escola Positivista	47
6.4	Escola pragmática.....	48
6.5	Escola Marxista.....	49
6.6	Escola Existencialista.....	49
6.7	Problema lógico	50
6.7.1	Objecto	51
6.7.2	Divisão da lógica.....	51
6.7.3	Utilidade da lógica	52
6.7.4	Os princípios da razão.....	52
6.7.5	Pensamento e discurso	53
6.7.6	Conceito e termo	54
6.7.7	Juízo e proposição.....	54
6.7.8	Inferências imediatas e mediatas	56
7	CAPÍTULO VII: PROBLEMA EPISTEMOLÓGICO	59
7.1	O problema gnosiológico (teoria do conhecimento)	59
7.1.1	Visão histórica da gnosiologia como disciplina filosófica	60
7.2	Verdade em Filosofia	62
7.2.1	O problema ético e axiológico	63
7.2.2	Aspectos principais da ética:	64
7.2.3	O critério supremo para distinguir o bem do mal é determinado: .	64
7.2.4	Historicidade e perenidade dos valores.....	66
7.3	Dialéctica como doutrina do desenvolvimento e da conexão universal	67
7.3.1	Fundadores da dialéctica:.....	67
7.3.2	Elementos básicos da dialéctica:.....	67
7.3.3	Leis da dialéctica:	67
7.3.4	As categorias da dialéctica:	68
8	Referências Bibliográficas	71

Introdução



Caro estudante,

Este manual foi concebido como um verdadeiro companheiro de jornada para quem se prepara para os exames de admissão. Mais do que um simples resumo, ele é uma porta de entrada para o pensamento filosófico — uma viagem pelas ideias que moldaram a humanidade desde os tempos antigos até à contemporaneidade.

Aqui, a Filosofia não é tratada como um conjunto de respostas prontas, mas como um convite à reflexão, à dúvida e à busca constante pela verdade. Vais encontrar:

- Conceitos fundamentais como definição, método, objeto e instrumento da Filosofia
- As origens do pensamento filosófico, desde o mito até à razão
- As principais correntes da Filosofia Antiga, com seus representantes e doutrinas
- Comparações entre o conhecimento filosófico e outras formas de saber
- Problemas clássicos como o cosmológico, o ser, o devir e a relação entre matéria e espírito

Lê com atenção, interroga com coragem e pensa com liberdade. A Filosofia não te ensina o que pensar, mas como pensar.

Estamos aqui para te acompanhar nesta jornada. Se tiveres dúvidas ou precisares de apoio, não hesites em entrar em contacto comigo pelo WhatsApp. Estou disponível para conversar e ajudar no que for necessário.guardo o teu contacto! +258 879369395.



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo
ESTAGNADO no PayPal
para o M-pesa ou E-mola
por uma Taxa adicional
de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395

Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Fácil, Rápido
e Seguro



Aceitamos toda Moeda estrangeira



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras
móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ



Telefone
879369395



Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

1 CAPÍTULO I: CONCEITOS BÁSICOS DE FILOSOFIA

A Filosofia é a mais antiga das áreas do saber. A própria História da Filosofia registou vários sistemas filosóficos que surgiram na tentativa de o homem tentar dar respostas a certos problemas com que deparara. Há vários tipos de definições em Filosofia, mas as mais estudadas nesta área do saber são: as definições nominais e reais. As reais podem ser: essenciais e descritivas.

1.1 Definição nominal

A definição nominal que também é cognominada por definição etimológica, é elaborada recorrendo à análise da própria palavra. Desta feita, a palavra Filosofia (Philosophia), emana do grego e resulta da junção de duas palavras aglutinadas desta mesma língua: **Philos**, *que quer dizer amor ou amizade* e **Sophia**, *que significa sabedoria*. Assim, a Filosofia tem o sentido nominal ou etimológico de "amor à sabedoria".

Para a nossa vida enquanto académicos e ao mesmo tempo sedentos do saber, devemos retirar o seguinte: gosto pela investigação, pela pesquisa, pela leitura, pela reflexão. O filósofo deve ser aquele que investiga, que ama a sabedoria, no sentido de gostar o trabalho que faz a favor do conhecimento das coisas, procurando saber aquilo que não sabe.

Definição descritiva:

1.2 Definição descritiva como problema filosófico

Não é fácil definir a Filosofia, nunca o foi. Ainda hoje, definir Filosofia tornou-se um grande problema filosófico. Isto acontece por duas razões: a primeira resulta do facto de que em Filosofia se estudam diferentes tipos de objectos, o que leva ao surgimento de várias correntes filosóficas e de várias ciências dentro da Filosofia; a segunda resulta do facto de todos os filósofos não pensarem da mesma maneira.

Para quem começa a estudar Filosofia, ficará surpreso, ao saber que em Filosofia não há apenas uma definição de Filosofia mas sim várias. A segunda surpresa, será ao perceber que além de várias, as definições parecem contradizerem-se.

Mas afinal, o que é a Filosofia?

A multiplicidade de definições acerca da Filosofia.

Não há uma definição unânime, completa e plenamente exaustiva para a Filosofia. A História da Filosofia apresenta-nos inúmeras definições, mas nenhuma delas exprime, exaustivamente, toda a riqueza do conteúdo que o próprio conceito encerra. Eis algumas definições dos filósofos sobre a Filosofia:

- 1- Em Eutidemo de Platão, é o uso do saber em proveito do homem, o que implica, primeiro posse do conhecimento que seja o mais amplo e o mais válido possível, e segundo, o uso desse conhecimento em benefício do homem.
- 2- Aristóteles, entende a Filosofia como busca racional das causas últimas de todas as coisas.
- 3- Para Cícero, a Filosofia estuda as causas humanas e divinas das coisas.
- 4- Para os Estóicos e Epicuristas, a Filosofia é o exercício da virtude por meio da virtude.
- 5- Para Descartes, é a arte de bem raciocinar.
- 6- Para Augusto Comte, é a ciência universal que deve unificar num sistema coerente os conhecimentos universais fornecidos pelas ciências particulares.

Todavia, a definição da Filosofia não é unânime e assim se constitui em problema filosófico. Podemos pois, dizer que a Filosofia é a ciência de todas as coisas pelas causas últimas conhecidas à luz natural da razão.

1.3 Método, objecto e o instrumento da Filosofia

Método: é o caminho ou procedimento para se chegar a um objectivo ou fim.

A Filosofia utiliza o método reflexivo ou raciocinativo. Este método integra dois procedimentos: o dedutivo e o indutivo. A dedução parte dos princípios gerais para se chegar aos factos particulares. Já a indução parte dos factos particulares para chegar aos princípios gerais.

No que tange ao método do conhecimento filosófico, importa referenciar:

Método dialéctico: consiste na interligação dos fenómenos, no processo de mudança, transformação e desenvolvimento.

Método metafísico: trata das causas últimas, que estão além da natureza.

Método fenomenológico: consiste na reflexão e crítica dos fenómenos.

Objecto de estudo da Filosofia

Chama-se objecto de estudo de uma ciência ao problema ou assunto de que procura conhecer e descobrir os seus mistérios. O objecto será aquilo que uma ciência se dedica investigar. O objecto da Filosofia é o todo tomado globalmente.

Objecto material (que realidade estuda): A Filosofia estuda todas as coisas, ou seja, todos aspectos da realidade podem ser objecto de estudo da Filosofia. Por existir a Filosofia da Linguagem, da Política, da Ciência, da Religião, da Arte, etc.

Objecto formal: (aspecto ou ângulo sob o qual estuda o seu objecto material). A Filosofia estuda a realidade “pelas suas causas últimas”, isto é, procurando explicações profundas sobre a existência e a natureza dos entes.

Devemos, pois, concluir que a Filosofia estuda tudo? Sem dúvida. Quais são as razões que a justificam? São duas:

Em primeiro lugar, porque todas as coisas, além de poderem ser examinadas em nível científico, podem sê-lo também a nível filosófico. Em segundo lugar, porque, enquanto as ciências estudam esta ou aquela dimensão da realidade, a Filosofia tem por objecto o todo, a totalidade, o universo tomado globalmente.

Instrumento da Filosofia

O instrumento de trabalho, de pesquisa, de análise de que a Filosofia utiliza é a razão, a razão pura, o “raciocínio puro”, como diz Platão.

O trabalho verdadeiro e próprio de pesquisa filosófica é realizado apenas pela razão; esta, para subtrair-se a todo tipo de distração, encerra-se seu sagrado

recinto, longe do barulho das máquinas, da sedução dos prazeres e da praxis, da confusão dos sentidos, em solitária companhia com o próprio objecto.

1.4 Filosofia e outras formas de conhecimento

A Filosofia é uma área do saber diferente das outras. Por isso, tal como veremos, ela diferencia-se do conhecimento científico, vulgar, empírico ou senso comum e do conhecimento religioso.

Diferença entre conhecimento filosófico e científico

O conhecimento filosófico aborda a realidade na sua totalidade, enquanto o conhecimento científico, aborda a realidade de forma parcial e tem um objecto mais restrito.

O conhecimento filosófico, vai pelas causas últimas ou profundas, o conhecimento científico vai pelas causas imediatas.

Diferença entre conhecimento filosófico e vulgar

O conhecimento filosófico, procura as causas últimas, o porquê dos fenómenos de forma metódica;

O conhecimento vulgar, limita-se ao ouvir dizer, ao observar sem rigor os fenómenos e sem reflectir a sua natureza.

Diferença entre conhecimento filosófico e religioso

O conhecimento filosófico, baseia-se na razão, na evidência, na argumentação e no rigor lógico, ao passo que a religião (conhecimento religioso), baseia-se na fé, na revelação e na autoridade em suas explicações.



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo
ESTAGNADO no PayPal
para o M-pesa ou E-mola
por uma Taxa adicional
de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395

Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Aceitamos toda **Moeda estrangeira**



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ



Telefone
879369395



Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

2 CAPÍTULO II: AS ORIGENS DA FILOSOFIA

2.1 Mito e Filosofia

A mente humana é naturalmente inquiridora quer conhecer a razão das coisas. Desde o início o homem procurou a origem do universo, a natureza das coisas e das forças a que se sentia sujeito.

O mito não é mito para o homem primitivo, não é uma mera fábula, imaginada de costas voltadas para a realidade, mas uma explicação do mundo, uma interpretação da realidade.

A humanidade primitiva, contentava-se com explicações míticas para qualquer problema. Assim a pergunta porque troveja? Respondia-se porque o Júpiter está enfurecido, a pergunta porquê o vento sopra? Respondia-se porque Eolo está enfurecido etc. Havia explicação para tudo: para guerra e para abundância etc.

O mito é uma fábula, fantasia ou faculdade imaginativa que ajudou a fornecer ao homem várias ideias sobre os fenómenos do mundo primitivo. O mito desempenhou três funções principais: função religiosa, o homem primitivo utilizava o mito para atribuir poderes, capacidade e vida a vários seres do universo, ex: do fenómeno dos trovões dizia-se ser fruto da fúria dos deuses; função social, servia para estabelecer um conjunto de tabus, que naquela altura tiveram um certo carácter de norma social, cujo fim era regular e fazer cumprir certos costumes e tradições, para um enquadramento social do próprio homem, bem como para a prevenção e um certo modo de evitar a desarmonia social; função filosófica, consistia numa certa atitude de curiosidade para dar uma explicação dos fenómenos.

O mito e a Filosofia têm o mesmo objectivo, que é o de explicar a realidade das coisas, seus métodos diferem.

A diferença entre mito e Filosofia, está na forma como explicam os fenómenos do mundo, na sua fundamentação, na justificação das respostas e hipóteses dadas: o mito explica os fenómenos da natureza com recurso a respostas

imaginárias, longe de verdadeiras hipóteses científicas; pois na maior dos casos não constituem uma verdade nem são válidas e menos têm uma coerência lógica. A Filosofia ao procurar as últimas causas das coisas, obriga o homem a que as suas respostas sejam rigorosas, coerentes, válidas e bem argumentadas. Em síntese, o mito não é rigoroso nas suas respostas, enquanto a Filosofia é rigorosa nas suas hipóteses.

É importante salientar que entre todas as mitologias antigas, a mais rica e ordenada é a grega. É por isso, não nos deve surpreender que ela se tenha desenvolvido para a Filosofia. Os gregos foram deixando de confiar nas explicações míticas e passaram a reflectir com base na experiência e na razão.

2.2 O nascimento da Filosofia

A Filosofia, nasceu e desenvolveu-se na Grécia Antiga, no final do séc. VII e início do séc. VI a. C., nas colónias gregas da Ásia Menor, isto é, na região da Jónia litoral, cidade de Mileto, razão pela qual, os filósofos que aí viviam eram denominados os jónicos.

Tales de Mileto foi o primeiro filósofo da História da Humanidade, ele é o pai da Filosofia Ocidental. De Mileto, porque trata-se da cidade onde vivia.

Tal como relata a tradição histórica, a criação da palavra Filosofia é atribuída ao grego Pitágoras, que viveu no séc. VI a.C., certa vez, perguntado, sobre qual era a natureza da sua sabedoria, Pitágoras respondeu: sou apenas um filósofo (conforme já o dissemos, a expressão filósofo equivale em português amigo da sabedoria). Com esta resposta, ele desejava esclarecer que não detinha a posse da sabedoria. Por uma questão de modéstia e humildade, assumia a posição de ser um amante do saber, alguém que procura a sabedoria, que busca alcançar a verdade.

Pitágoras, tivera ainda afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem desejá-la ou amá-la, tornando-se filósofos.

2.3 A Polis e o nascimento da Filosofia

Houve civilizações brilhantes na história da humanidade tais como: Índia, Egito, China e Babilónia. Porque a Filosofia não nasceu numa dessas civilizações?! Não nasceu ali porque nestas civilizações, os elementos filosóficos estavam inseridos sobretudo na doutrina religiosa, além disso, as situações políticas nestas civilizações eram de regime absolutistas dos monarcas. Isso impediu o desenvolvimento livre do pensamento individual.

Como era a Grécia aquando do surgimento da Filosofia?

A Grécia continha condições propícias para o surgimento da mesma. Eis as condições para o surgimento:

- 1- **Condições económicas** – nos séc.VIII e VII a.C, a Grécia tinha uma actividade comercial muito desenvolvida, o artesanato, viagens marítimas, invenção da moeda, do calendário.
- 2- **Condições políticas** – os cidadãos passam a participar da res publica (república, coisa pública), com isto marca-se início da democracia.
- 3- **Condições sociais** – vivia-se uma estabilidade e organização devido a cessação dos movimentos migratórios e por consequência a vida da cidade começa a organizar-se. É surgimento das cidades estado (polis grega).

Daí concluir-se que para o nascimento da Filosofia na Grécia Antiga séc. VI a.C, foram determinantes as condições económicas, políticas e sociais da Grécia.

2.4 Filosofia elementar ou espontânea e Filosofia sistemática

- 1- A Filosofia elementar é comum a todos os homens, estando presente na linguagem, no senso comum, na religião popular e em todos os modos de ver, pensar, agir e sentir das pessoas.
- 2- Não exige um conhecimento da história da Filosofia
- 3- Não possui um âmbito académico e não se desenvolve de modo crítico;
- 4- Não é metodicamente organizada.

Ao passo que a Filosofia sistemática é:

- 1- É típica dos filósofos profissionais;
- 2- Pressupõe o conhecimento da história da filosofia
- 3- É acadêmica e analisa criticamente as diversas doutrinas;
- 4- Implica uma organização rigorosa e uma ordenação metódica dos conhecimentos.

Porquê o homem é por natureza um filósofo?

Pelo facto de ser racional, interrogando-se sobre sua vida e tudo quando existe e acontece. Esta filosofia é comum a todos os homens, é uma filosofia elementar ou básica, não é sistemática, sem carácter argumentativo, é fruto da experiência vivencial.

Porquê o filósofo é peregrino em busca da verdade?

Porque está em constante investigação, não se conforma com respostas sem antes as ter passar pelo crivo da análise. O filósofo sabe que o homem pode saber, mas nunca sabe tudo. Vai sempre em busca da verdade, ciente de que ele não é um possuidor da verdade. Quanto mais sabe, mais procura saber.

2.4.1 Atitude filosófica

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência quotidiana, ao que “ todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido.

A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira.

As indagações fundamentais da atitude filosófica são: o que é? Por que é? Como é?

A face negativa e a face positiva da atitude filosófica constituem o que chamamos de **atitude crítica e pensamento crítico**.

A Filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos do senso comum e, portanto, começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber; por isso, o patrono da Filosofia, o grego Sócrates, afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica é dizer: “Sei que nada sei”. Para o discípulo de Sócrates, o filósofo grego Platão, a Filosofia começa com a admiração; já o discípulo de Platão, o filósofo Aristóteles, acreditava que a Filosofia começa com o espanto.

Admiração e espanto significam: tomamos distância do nosso mundo costumeiro, através de nosso pensamento, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, como se não tivéssemos tido família, amigos, professores, livros e outros meios de comunicação que nos tivessem dito o que o mundo é; como se estivéssemos acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.

Em que consiste a atitude filosófica?

Ela consiste em: saber pensar, saber interrogar e saber agir.

2.4.2 Características ou especificidades da Filosofia

1- Historicidade: a Filosofia traz a marca da época, do seu autor e da escola filosófica a que este se ligou e revela apropriação conceitual que o filósofo fez da realidade. Cada sistema filosófico, cada Filosofia, nasce no seu tempo, contexto ainda que os filósofos partilhem os mesmos problemas e as interrogações que são comuns a todos eles. As questões que eles colocam e analisam surgem num contexto de uma determinada época histórica.

2- Universalidade ou globalidade: a Filosofia, distancia-se criticamente do concreto e do vivido, ultrapassa e supera as circunstâncias, alcançando assim

a universalidade; permite-nos estabelecer pensadores de todos os tempos e lugares.

- 3- **Autonomia da razão:** em Filosofia, não se aceita de forma passiva e acrítica, qualquer fórmula ou verdade estabelecida. Cabe a ela questionar, examinar, por si mesma, descobrir e decidir sobre os problemas da existência. Aprende verdadeiramente Filosofia, quem exercita a razão, pensa e assume o desafio de filosofar. A autonomia da razão, exige liberdade no pensamento, em relação a todos os constrangimentos exteriores, seja religioso, político, ideológico, autoritário ou ainda tradicional.
- 4- **Radicalidade:** a Filosofia, questiona e problematiza tudo até ela própria, de forma radical ou profunda para compreender as raízes dos problemas. Neste caso, a Filosofia é o conhecimento dos fundamentos da realidade. Onde as ciências param, onde não podem mais indagar, onde se dão por satisfeitas aí entra o filósofo e começa a indagar e a perscrutar. Por exemplo, as ciências conhecem, mas o filósofo pergunta o que é o conhecimento; as ciências estabelecem leis, a Filosofia questiona o que seja lei. A Filosofia é radical no sentido em que vai as raízes dos problemas muito mais profundamente que qualquer ciência.
- 5- **Fundamentalidade:** a Filosofia preocupa-se com os problemas fundamentais ou problemas do fundo: sobre a origem da vida, do mundo, sobre sentido da existência humana, mistério da morte, do sofrimento, sobre o problema do bem e do mal. Os aspectos superficiais da experiência quotidiana não são objecto da investigação filosófica.

Questão entre o espiritual e o material (consciência e a realidade)

A questão entre o espiritual e o material, tem dois aspectos:

- 1- **Prioridade da matéria e da consciência,** isto é, é a matéria que origina a consciência ou o contrário?

2- Cognoscibilidade do mundo, o mundo é ou não é cognoscível? O intelecto do homem pode ou não penetrar nos segredos da natureza e descobrir as leis do seu desenvolvimento?

Os filósofos materialistas, defendem que a matéria é primária, eterna e a consciência é produto do desenvolvimento histórico da matéria, é propriedade do cérebro humano. Os materialistas afirmam que, o mundo é cognoscível, que os conhecimentos do homem são fidedignos, podem penetrar na essência das coisas.

Os filósofos idealistas, defendem que a consciência é primária e existia antes da matéria. Negam a cognoscibilidade do mundo, por isso chamados de **agnósticos**.

Outros, embora considerem, a cognoscibilidade do mundo deturpam na realidade, a essência do conhecimento, afirmam que:

O homem não conhece o mundo e a natureza, a não ser os seus próprios sentimentos, emoções, desejos, etc (**idealistas subjectivos**).

O homem conhece apenas uma ideia mística, o espírito mundial (**idealistas objectivos**).

Qual é a consciência que criou o mundo?

Os idealistas subjectivos afirmam que o mundo foi criado pela consciência do homem.

Os idealistas objectivos afirmam que o mundo foi criado pela ideia absoluta, ou Deus.



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo
ESTAGNADO no PayPal
para o M-pesa ou E-mola
por uma Taxa adicional
de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395

Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Aceitamos toda
**Moeda
estrangeira**



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ



Telefone
879369395



Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

3 CAPÍTULO III: EVOLUÇÃO DA FILOSOFIA DESDE ANTIGUIDADE ATÉ A ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

3.1 Etapas da História da Filosofia

- 1- Filosofia Antiga: séc. VI a.C até ao séc. IV d. C.
- 2- Filosofia Medieval: séc. IV d.C. até ao séc. XIV.
- 3-Filosofia Moderna: séc. XVI até ao séc.XVIII.
- 4-Filosofia Contemporânea: finais do séc. XVIII até aos nossos dias.

Seguidamente, explicaremos cada etapa, trazendo à tona os problemas que se levantaram bem como as escolas filosóficas e os seus representantes ou expoentes máximos.

1- A Filosofia Antiga, divide-se em três grandes períodos: período cosmológico, antropológico e helenístico.

- a) **Período cosmológico ou Pré – Socrático (VI- V a. C)**, também conhecido por naturalista, é o primeiro período do pensamento grego. Neste período a especulação filosófica é voltada para o mundo exterior, procurando encontrar o princípio unitário de todas as coisas. Recebe também a denominação de Pré – Socrático, porque precede à Sócrates e aos Sofistas, que marcaram uma nova viragem antropológica.

Em linhas mestras, o P.C, versou-se sobre a origem do cosmo e a transformação da natureza. Escolas filosóficas:

Escola jônica: situada na Jónia, litoral Ocidental da Ásia Menor, caracterizada por múltiplas influências culturais e por um rico comércio. A Escola Jônica fundada por Tales de Mileto. É a primeira e mais antiga escola grega de Filosofia, cujo desiderato foi de perscrutar o princípio unitário de todas as coisas ou mais concretamente, construir uma **cosmologia** que substituiu a antiga **cosmogonia**.

Por isso, diz-se que, a fase inaugural da Filosofia, é naturalista ou cosmológica, porque a especulação filosófica neste período, esteve inclinada para o mundo exterior na procura do **Arché**.

Representantes:

Tales de Mileto, defendeu a água como princípio unitário de todas as coisas. Estabeleceu que a água é o princípio do mundo e dos seres: ela abunda em tudo, o próprio homem a nada resiste sem água, todos os germes são húmidos por natureza, a água gera vida das plantas, animais, etc.

Anaximandro de Mileto, defendeu o “Apeiron” ou substância indeterminada como princípio de todas as coisas. Segundo o filósofo, na origem de todos os seres deve estar antes um elemento não determinado, que não é, nem se confunde com nenhuma das substâncias já determinadas, mas contém em si todas as possibilidades de determinação, sendo infinito na duração, imortal, indestrutível em movimento perpétuo.

Anaxímenes de Mileto, defendeu o Ar com dois processos, um de **rarefação**, que produz calor e fogo, e o processo de **condensação**, que produz nuvens, terra e rocha.

Escola Pitagórica, tinha carácter filosófico e religioso.

Fundador: Pitágoras de Samos (570- 470 a. C), nasceu na ilha de Samos, não muito distante da cidade de Mileto.

Doutrina: defendeu o número como essência de todas as coisas, visto que tudo é mensurável. O universo, representa a ordem e harmonia matemática. As contribuições da escola Pitagórica, podem ser encontrados nos campos da matemática (lembrem-se do celebre teorema de Pitágoras), da música e da astronomia.

Dois elementos constituem os números: um finito e mais perfeito (nº ímpares – masculino) outro infinito e menos perfeito (nº pares – feminino). O nº 1 não é nem par nem ímpar, é parímpar, porque dele procedem todos os nºs. deste

modo o número nasce do acordo entre elementos limitantes, gerando todas as coisas.

Moral de Pitágoras: seguir deuses, controlar a língua, abster-se da carne e evitar mulheres. **Ele recomendara:** contemplar a ordem matemática que reina no universo, cultivara música para a harmonia da alma, praticar a ginástica para a conservação da saúde.

Os pitagóricos dividem-se em dois:

- 1- Os que se abstinham da carne, peixe, vinho, não tomavam banho, levavam uma vida de peregrinos, não se dedicavam a cultura e a ciência.
- 2- Grandes matemáticos, honravam a filosofia, particularmente a música, geometria e a medicina.

Escola Eleática: (localizada na cidade de Eleia).

Fundador: Parménides (515- 450 a. C).

Doutrina: consiste no Ser, como única realidade. Uma coisa ou é ou não é. Se é não pode transformar-se porque já é; se não é não se pode transformar porque de **ex nihilo nihil**. Parménides, é conhecido como o descobridor do ser porque foi o primeiro a chegar a uma concepção que demonstra que tudo tem unidade no ser, visto que tudo é. Ou seja: o ser é e não pode não ser; o não ser não é e é necessário que não seja.

Parménides, preocupando-se com o ser com o «Ser-enquanto-Ser», torna-se um por metafísico. E porque estuda o «Ser em si» é, no campo metafísico, um ontológico. (ontos= ser; logos= estudo).

Outro nome sonante desta escola é: **Zenão de Eleia**. Negou a pluralidade e o movimento, se a pluralidade existe, as coisas que existem são infinitas. O seu argumento para negar o movimento foi o seguinte: «não há movimento, porque é preciso que o móvel chegue ao meio do seu percurso, antes de atingir o fim. Aquiles e a tartaruga:

O mais lento nunca será apanhado pelo mais rápido. Portanto o móvel está em repouso. A tartaruga nunca será encontrada pelo “Aquiles de pés ligeiro” porque quando Aquiles chega ao ponto A, a tartaruga estará no ponto B, e assim por diante.

Escola mobilista ou heraclitiana:

Representante: *Heráclito de Efeso* (nasceu em Efésio, região Jônica).

Doutrina: para ele a única realidade é o “**devir ou vir-a-ser**”. Defendeu o **fogo**, com chamas vivas e eternas, governando o movimento dos seres. Segundo Heráclito, tudo flui, “Panta Rhei”, tudo está em mobilidade:

- 1- “Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio”;
- 2- “Não se pode tocar duas vezes na mesma substância mortal no mesmo estado”.

Escola Pluralista de Empédocles:

Representante: *Empédocles de Agrigento*, também afirmara como Parmênides que, o ser é imutável, porque se não fosse, o mundo teria deixado de existir. Afirmava como os jônicos, que o Arché, não deve ser colocado em algo diverso do mundo, mas nos quatro elementos (**terra, ar, fogo e água**). Mas os elementos não derivam um do outro, como diziam os jônicos, mas são absolutamente originais e imutáveis. Combinou o ser imóvel de Parmênides com o ser Heráclito, em perpétua transfiguração, salvando assim a unidade permanente do ser e a pluralidade das coisas particulares.

O **devir**, é possível não pela transfiguração dos elementos, mas pela formação de seres diferentes, mediante a combinação desses elementos. Esta combinação é possível porque os quatro elementos, existem poros que permitem as partículas de um elemento penetrar em outro. «Todo devir é mudar de lugar», é causado pela luta entre duas forças «**Amor**» e «**Ódio**».

Doutrina: defende que as coisas são conhecidas mediante as coisas que lhes são semelhantes. Ex: conhecemos a água através da terra.

Escola Pluralista de Anaxágoras:

Representante: *Anaxágoras de Clazomenes*, levou a Filosofia desde a Jônia até Atenas, onde viveu três décadas. Para ele, o ser é constituído de Átomos, corpúsculos ou homeomerias. Dizia que a matéria de alguma coisa, está já nela mesma, tudo está em tudo.

“Nada vem do nada e nem vai para o nada” era desta forma que Anaxágoras, tentava salvar a imobilidade.

«No universo nada se cria e nada se destrói, porque o número de homeomerias, permanece o mesmo.

Em suma, defendeu que a realidade é constituída por infinidades de partículas mínimas, eternas e imutáveis (homeomerias) regidas por inteligência imanente (nous).

Escola Atomista:

Representante: *Demócrito* (460- 370 a.C).

Doutrina: consiste no ser, constituído por átomos, que são partículas indivisíveis e invisíveis. Assim do controlo e separação dos átomos resultam as coisas.

O princípio de todas as coisas é os átomos e o vazio. Para Demócrito, a causa do vir-a-ser, é o movimento, que faz chocarem-se os átomos contidos no vazio, combinando-o de vários modos, originam as coisas.

A terra é constituída de átomos mais volumosos, os quais no turbilhão do movimento, se reuniram no universo, constituindo a massa homogênea que chamamos terra.

Problema cosmológico

Etimologicamente, cosmologia significa estudo do mundo (cosmos= universo e logos= tratado). É a parte da Filosofia que estuda os princípios e as leis do universo. Ou seja, parte da Filosofia que reflecte metafisicamente sobre o

mundo físico. Seu objecto material é o mundo físico, e o formal é a essência dos corpos naturais.

O mundo é uma realidade problemática sob diversos aspectos: ***sua origem, seus elementos constitutivos fundamentais, sua duração e fim.***

As interrogações que se levantam no problema cosmológico: **donde veio o mundo? Quem o criou? Qual é o constitutivo fundamental do mundo?**

Filósofos, teólogos e cientistas têm concepções diferentes sobre o mundo:

Para os cientistas, os fenómenos do mundo, explicam-se pela relação causa-efeito. Para o filósofo, oferece questões mais interpretativas dos fenómenos do universo, na sua natureza essencial, suas propriedades e seus fundamentos últimos.

Aristóteles, na sua doutrina da matéria e forma (hilemorfismo) e o devir, para ele o mundo não tem princípio nem fim: é eterno. Todas as coisas são compostas de matéria e forma. A matéria é o fundamento último da extensão e do corpo.

O devir é a razão profunda do tempo, não tem só uma causa intrínseca, mas também extrínseca: as coisas tendem para um fim e esse fim as leva a transformação e crescimento. Isto levou Aristóteles, a reconhecer a existência de um Movente Imóvel, que provoca todos os fenómenos, gerações, movimento deste mundo, isto significa que a existência do movimento do universo, implica que haja quem o provoque.

«Tudo o que se move é movido por alguém» (mutatis mutandi).

Com **a descoberta do método científico**, o discurso cosmológico sofreu mudança, já não se falava mais de **matéria e forma**, passa a predominar os **fenómenos** e as **leis** que o governam.

A **forma** é a distinção das coisas em muitas espécies diferentes.

Os sete sábios gregos que a História da Filosofia registou

O nome dos sábios varia, conforme a fonte que os nomeia. Mas o texto mais antigo que refere os Sete Sábios da Grécia é o de Protágoras e o de Platão, que diz que o grupo é constituído por:

- 1- **Tales de Mileto**- A ignorância é incómoda, Espera receber de teus filhos, quando fores velho, o mesmo tratamento que dispensaste a teus pais. Evita as palavras que possam ferir os amigos. Evita enriquecer por vias desonestas. Evita os adornos exteriores e procura os interiores.
- 2- **Pítaco de Mitilene**- Não reveles projectos para, se falhares, não seres motivo de troça. Saiba aproveitar as oportunidades. Sábio é quem sabe discernir o futuro; o passado é passado, mas o porvir é incerto.
- 3- **Bias de Priene** - Adolescente, sê activo; velho, sê sábio. Aprende a saber ouvir. Fala sempre com propósito. Reflecte nos teus actos.
- 4- **Sólón de Atenas** - Aconselha o que for justo, não o que aches agradável. Evita o prazer, se ele for causa de remorso. Nunca digas tudo o que sabes. Procura ser honesto, porque a honestidade é melhor do que uma palavra honrada. Quando souberes obedecer, saberás chefiar. Toma a peito as coisas importantes.
- 5- **Cleóbulo de Lindo** - Casa com uma mulher da tua condição; se casares com uma rica, em vez de sogros arranjarás patrões. Considera inimigo público quem odiar o povo.
- 6- **Míson de Queneia** (noutros textos aparece o nome de Periandro de Corinto) - Guarda os segredos. Indaga as palavras a partir das coisas, não as coisas a partir das palavras. O estudo abarca todas as coisas. Os prazeres são mortais, as virtudes, imortais.
- 7- **Quílon de Lacedemónia** - Foge dos intriguistas. Põe a razão antes da língua. Quando beberes, fala pouco para não cometeres indiscrições.

A eles atribuem-se breves sentenças morais (ou máximas), algumas das quais se tornaram famosas. As frases são todas, como se observa, de natureza prática e moral. E demonstram que a reflexão filosófica, na Grécia, situava-se no campo da sagesa da vida, e não tanto na pura contemplação, como mais tarde virá a acontecer.

- b) **Período Antropológico ou Socrático (V- IV a. C):** é o segundo período na história do pensamento grego, em que o interesse gira em torno do homem e nas suas relações com a sociedade e não mais com a natureza. Entre os pensadores desta época destacam-se os sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles.

Escola Sofista

Representantes: Protágoras (465- 411 a. C) e Górgias (484 – 375 a. C).

Doutrina: baseia-se no famoso dito: o homem é a medida de todas as coisas. O conhecimento é subjectivo, porque depende das disposições do sujeito. Para os sofistas, não há uma lei moral absoluta, mas sim convencional; não há conhecimento verdadeiro, mas sim provável. Protágoras foi o primeiro a defender, que, se pode fazer dois discursos contraditórios sobre o mesmo tema. Não existe verdade absoluta, tudo depende da perspectiva do sujeito.

Górgias (484- 375 a. C): diz que nada existe, ainda que alguma coisa existisse não seria cognoscível e se fosse cognoscível não seria comunicável.

Quem são os sofistas?

São um conjunto de pensadores gregos, mestres em retórica e em cultura geral, que andavam de cidade em cidade, vendendo ensinamentos práticos de Filosofia, tais como a eloquência e a sagacidade mental.

Localização geográfica da sofística:

Diversamente das escolas filosóficas precedentes, a sofística não tem uma localização geográfica bem definida: seus seguidores procedem tanto da Itália meridional como da Ásia Menor, tanto da Sicília como da Grécia. A novidade mais importante da sofística é que ela desperta interesse geral, não só nas colônias, mas também em Atenas, que depois das duas vitórias sobre os persas, impôs-se como o maior centro político e cultural da Grécia.

Factores do aparecimento do movimento sofístico

- 1- Factor filosófico: falta de consenso, diversidade de teorias opostas, o que levou a um certo cepticismo;
- 2- Factor político-social: época de lutas políticas e conflito de opiniões muito intensos nas assembleias democráticas.

Principais teses dos sofistas: “O homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são enquanto são e daquelas que não são enquanto não são”.

“O conhecimento sobre a verdade é relativo, porque a percepção das coisas varia de homem para homem”.

“A causa de várias verdades é o movimento constante das coisas e a imperfeição das fontes do conhecimento”.

Importa referenciar, que a palavra sofista etimologicamente significa sábio. Mas nos últimos 50 anos do séc. V a.C, ganha um sentido pejorativo. Passou a designar saber aparente dos homens que deambulavam de cidade a cidade em busca de auditório que ensinavam pedindo somas avultadas. Desta feita, a tradição filosófica, observa uma dupla caracterização ao conceito de sofista:

- 1- Sophos¹- sábio, que reflecte sua etimologia;
- 2- Reflecte a disvirtualização do sentido e do valor da actividade investigativa, pois se auto intitulavam sábios, mas eram os primeiros a negarem a possibilidade de conhecermos as coisas, sendo, eles os primeiros professores de ciência na Grécia, em troca de remuneração. Então faz-se-lhes uma questão: se nada se conhece, então o que ensinam? É daí que, perderam no ideal filosófico, acabando por tomarem um significado pejorativo dentro da doutrina: classificados como utilizadores de sofismas, que são raciocínios de mala fide², cujo desiderato é enganar o interlocutor.

Escola Socrática

¹ Palavra de origem grega, inicialmente era utilizada para designar os sete sábios (Tales, Pitaco, Bias, Sólon, Cleóbulo, Mison e Quílon), Pitágoras e outros filósofos cuja reflexão foi prestigiada.

² Expressão de origem latina que significa de má-fé.

Fundador: Sócrates (489- 399 a.C), nasceu em Atenas. Nunca fundou escola, vivia em público, habitualmente andava descalço e com um manto pobre. É fisicamente feio, mas intelectualmente muito dotado e brilhante bem como moralmente.

Doutrina: para ele há valores absolutos tanto na ordem gnosiológica como na ordem metafísica e ética. A vida humana deve ser vivida em obediência a tais valores.

Propôs um método que consiste em dois momentos, para adquirir o verdadeiro conhecimento:

Ironia: consiste em definir um tema em discussão até levar o interlocutor a contradizer-se e a confessar a própria ignorância. Esta exprime-se na expressão modesta: “**sei que nada sei**”.

Maiêutica (herdou de sua mãe: arte de dar luz): consiste em fazer perguntas introduzindo no interlocutor a dúvida e o desejo de conhecer algo que já existia dentro de si. Fez do autoconhecimento um dos lemas da sua Filosofia: “**conhece-te a ti mesmo**”.

Sua actividade constante, consistiu em conversar, nas praças de Atenas, com o método do dialógico de fazer questões.

Causa da sua morte: foi acusado de corromper a juventude e de introduzir deuses estranhos a cidade, foi preso em Priteneu. Por isso os juízes condenaram-no á morte, bebendo uma cicuta, isto quando tinha 71 anos. Três personagens atribui-se sua morte: Meleton, Anito e Lico.

Cícero, disse que Sócrates chamou a Filosofia do céu para a terra, a Filosofia socrática tem por objectivo o homem. A missão é de colocar o homem no seu devido lugar, torná-lo justo, levá-lo ao conhecimento de si próprio.

Sócrates, conhecemo-lo por intermédio de: **Platão, Aristóteles, Xenofonte, Euclides de Mégara.**

Escola Platónica (Academia³):

Fundador: Platão ⁴ (427-347 a.C): nasceu em Atenas. Foi seu projecto instaurar a República ideal com um governo de reis – filósofos, mas não se concretizou. Chegou de fundar uma escola a que deu o nome de Academia, considerada a pioneira instituição universitária na Europa.

Doutrina: a característica dominante do pensamento platónico é, o dualismo metafísico (mundo das ideias e material ou sensível). **O mundo das ideias** é o arquétipo, perfeito, incorruptível, eterno e divino. **O mundo sensível** é um mundo decaído, alienado, uma reprodução imperfeita do mundo das ideias. O seu dualismo metafísico tem repercussões em todos os sectores da concepção filosófica.

Para Platão, o conhecimento, é apenas recordação, anamnese ou reminiscência das ideias que a alma teria contemplado aquando da existência pré terrena, ao entrar em contacto com o objecto material, apenas se recorda (aprender é lembrar).

Platão, expõe o “**mito da caverna**”, na verdade uma alegoria usada para melhor explicar a sua teoria. Segundo este famoso relato, homens se encontram acorrentados em uma caverna desde a infância, de tal forma que, não podendo olhar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna. Aí são projectadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar, à luz do dia, os verdadeiros objectos, ao regressar para contar o que vira, não mereceria crédito de seus antigos companheiros, que o tomariam por louco. A fogueira, implica ideia de bem. As ideias representam as coisas deste mundo.

A análise deste mito pode ser feita sob dois pontos de vista:

³ Escola filosófica fundada por Aristocles (Platão), no jardim da casa do seu amigo Academos.

⁴ Aristocles era o verdadeiro nome de Platão, assim apelidado talvez por possuir ombros largos. Foi durante muitos anos discípulo de Sócrates e a convivência com o mestre foi tão fecunda que se chega a afirmar com segurança que o encontro com Sócrates foi o facto que exerceu maior influência na formação da personalidade de Platão.

- 1- Platão compara o acorrentado ao indivíduo comum, dominado pelos sentidos e pelas paixões, e que alcança apenas um conhecimento imperfeito da realidade, restrito ao mundo dos fenómenos, no qual as coisas são meras aparências e estão em constante fluxo. A este conhecimento Platão chama de opinião (doxa).
- 2- Aquele que se liberta dos grilhões é o filósofo, capaz de atingir o verdadeiro conhecimento, episteme, ciência, quando a razão ultrapassa o mundo sensível e atinge o mundo das ideias, lugar da essência mutável de todas as coisas, dos verdadeiros modelos ou arquétipos. Este é o único verdadeiro, o mundo sensível existe enquanto participa do mundo das ideias do qual é sombra ou cópia.

Moral platónica: tem como meta a ideia de bem. A alma decaída deve purificar-se praticando a virtude. Quando alcança a esfera inteligível, através da virtude e contemplação, ao morrer transmigra para seres superiores, mas quando se liga aos bens e prazeres materiais, reencarna em animais inferiores se afastando do mundo inteligível.

Em política: Platão, projectou uma sociedade ideal, dividida em classes:

Povo: encarregado pelos trabalhos utilitários;

Guerreiros: defensores;

Filósofos: dirigentes do estado.

Obras: Apologia de Sócrates, o Banquete, o Fédon, Fedro, o Sofista, a República, etc.

Escola Aristotélica (Liceu⁵, peripatos⁶)

Fundador: Aristóteles (384 – 322): foi discípulo de Platão.

Doutrina: Aristóteles, vê a realidade de forma unitária, composta de matéria e forma – **Teria do Hilemorfismo** (todos os corpos são compostos de matéria e forma). O agente e o fim, servem para explicar a origem das coisas.

⁵ Assim denominado por se situar nas imediações do templo de Apolo Liceano.

⁶ Assim chamada porque as lições eram tomadas no corredor e em forma de passeio, ensinava-se e aprendia-se caminhando, por conseguinte os discípulos de Aristóteles passaram a ser chamados de peripatéticos.

Obras: a Lógica, Física, Metafísica, Ética, Política, Retórica e a Poética.

Quanto ao problema antropológico: o homem não é só alma, mas sim, o resultado da união substancial de alma e corpo, em que a alma é a forma e o corpo é a matéria.

Quanto ao problema gnoseológico: defende que o conhecimento, tem um fundamento sensitivo, quer dizer que, as ideias provêm das sensações, mediante abstracção.

Quanto ao problema metafísico: defende que a metafísica é o saber mais importante e mais elevado, porque estuda o ser em si mesmo e trata dos fundamentos e causas últimas do universo.

Quanto ao problema ético: defende que a perfeita felicidade, não consiste apenas na contemplação das ideias, mas também na satisfação dos sentidos, porque o homem é composto de corpo e espírito.

Quanto ao problema teológico. Defende que há um ser supremo que é a causa última de toda transformação em qualidade de motor imóvel.

Quanto ao problema político: defende que o homem é um animal social e político. Aristóteles, dividiu as formas de governo em justas e injustas.

Justas: são as que servem para o bem comum. **Monarquia** (chefia de um); **aristocracia** (chefia dos melhores); **república** (governo do povo que trata bem de todos os cidadãos); e injustas são as que servem para o bem dos governantes. **Tirania** (só manda um mas de forma arbitrária, cruel para o interesse pessoal); **oligarquia** (governo dos ricos, duma minoria mal escolhida); **democracia** (governo da massa popular que quer suprimir toda diferença social em nome da igualdade). O governo tem como objectivo o bem comum. Para ele o melhor regime é a monarquia.

A vida de Aristóteles, está dividida, em três períodos:

- 1- Foi discípulo de Platão;
- 2- Fundou e dirigiu sua própria escola, peripatética – o Liceu;

3- Foi preceptor (mestre) de soberanos.

Crítica da teoria das ideias:

- 1- As ideias devem existir dentro das coisas e não fora delas;
- 2- A doutrina das ideias, não explica o conhecimento das coisas;
- 3- A teoria das ideias, não explica o vir-a-ser das coisas.

A teoria das ideias é inútil, porque a realidade deve ser procurada nas coisas e não fora delas.

Problema Antropológico

A Filosofia não passa de um problema antropológico, na medida em que só o homem faz filosofia, traz para si todo leque de interrogações, preocupações, dúvidas, incertezas. Na Antropologia filosófica, trata-se de fazer do homem o objecto do seu próprio filosofar de maneira especial, fazer dele o centro da pesquisa e da abordagem filosófica.

O termo Antropologia, provém do grego *antrophos*= homem e *logos*= tratado ou ciência. Assim, a Antropologia é a ciência que estuda o homem. Ela divide-se em:

- 1- **Antropologia Teológica** – é a reflexão de Deus ao homem.
- 2- **Antropologia Empírica** – subdividida em física e cultural. **Antropologia Física:** estudo do homem sectorialmente, sob o ponto de vista de cada ciência particular. **Antropologia Cultural:** o homem é estudado a partir da sua cultura.
- 3- **Antropologia Filosófica** – considera o homem de forma global.

Questões filosóficas que movem a reflexão do homem:

Quem é o homem? O homem quem é ele? Qual é a sua essência? Qual é a sua origem? Qual é o seu fim último?

Visão histórica do problema antropológico

Na antiguidade, depois de uma época cosmo – metafísica (causa de tudo), concentram a sua atenção sobre o homem, o que ele é, sua essência. Sócrates

deu a iniciativa com o lema: conhece-te a ti mesmo (cognosco te ipsum), fazendo do auto conhecimento, um dos temas fundamentais da sua filosofia.

Destarte, é na Idade Moderna e Contemporânea, onde a Filosofia e todo saber se apresentam com um antropocentrismo bastante acentuado.

Perspectivas do problema antropológico:

- 1- **Cosmocêntrica** – cosmo no centro e o homem como microcosmo. Antropologia desenvolvida por Platão, Aristóteles, Epicuristas, Estóicos e os Neoplatônicos.
- 2- **Teocêntrica** – aborda o homem a partir das luzes teológicas, no contexto da protologia (criatura ou 1º momento) e da escatologia (últimos momentos). Antropologia desenvolvida pelos padres da igreja e pelos escolásticos.
- 3- **Antropocêntrica** – homem como ponto de referência.

Problemas fundamentais da investigação antropológica:

- 1- Essência do homem e sua natureza como pessoa;
- 2- Substancialidade e essencialidade da alma;
- 3- Relações entre alma e corpo;
- 4- Imortalidade da alma ou destino do ser humano;

Que respostas a História da Filosofia registou, acerca desses quatro (4) problemas fundamentais da investigação antropológica?

- 1- **Sobre a essência do homem e sua natureza como pessoa**, o homem foi definido como animal racional. Mais tarde os filósofos surgiram com novas perspectivas de solução e definição:

Marx, define-o como ser económico; **Freud**, como ser libidinoso; **Marcel**, como ser problemático; **Ricoeur**, como ser falível; **Buber**, como ser dialogante; **Block**, como ser utópico; **Sartre**, como ser livre; **Kant**, como animal metafísico porque procura a razão última das coisas.

- 2- **Sobre essência da alma:**

Platão, na sua psicologia, concebe o homem só como alma, assim pensaram também S. Agostinho, Descartes e Leibniz.

Materialistas e estruturalistas, defendem que, a alma é uma evolução da matéria, não é substância.

S. Tomás e o neotomista Jacques Matritain, defendem que o homem não é só alma, porque ela resume as actividades típicas de um homem, como, sentir, trabalhar, jogar até divertir, etc. Sua função é apenas raciocinar, reflectir, julgar, desejar de modo livre. A alma é uma substância, seu existir é actualizado quando se junta ao corpo.

Hume e Kant, defendem que o homem é incapaz de explicar, conceber a substancialidade da natureza da alma. A alma é do nível da coisa em si, ao passo que, o homem só pode conhecer os fenómenos. Sobre origem da alma, cinco teorias propõem o seguinte:

a) **Traducionismo**- a alma dos filhos deriva da alma dos pais tal como acontece com o corpo (Tertuliano e S. Agostinho).

b) **Emanação**- trata da alma como parte de Deus. Logos para os estóicos e Uno para os Neoplatónicos.

c) **Criação**- a alma foi criada simultaneamente com tudo o que existe (Platão, padres escritores).

d) Cada alma foi criada directa e individualmente por Deus (Descartes, Vico, Leibniz).

e) A alma é o resultado da evolução da matéria (materialistas).

3- Sobre a relação alma corpo:

Platão na antiguidade e Descartes na modernidade, defendem uma união accidental da alma ao corpo que constitui o todo da pessoa humana. Descartes, dizia que a alma reside no corpo, como o cavaleiro no cavalo. Aristóteles sustenta a união substancial íntima entre a alma e o corpo, constituindo uma

única substância a pessoa humana, Kant e Hume, defendem a incapacidade do homem de conhecer a alma como coisa em si e das relações com o corpo.

4- **Sobre o destino do homem ou imortalidade da alma:**

Nietzsche, estruturalistas, marxistas e neopositivistas, defendem que a morte marca o fim do corpo e da alma, assim também pensa Aristóteles.

Platão e S. Tomás, afirmam que a alma é imortal, mesmo com a morte do corpo.

A posição agnóstica, sustentada por Abelardo, Scoto e Ockham, defendem que é impossível solucionar o problema da imortalidade da alma, assim como Kant e Hume, nos seus princípios epistemológicos da incognoscibilidade da coisa em si.

- c) **Período Helenístico, Greco-Romano ou Antiguidade Tardia (III-IV d.C)** – é o último período do pensamento filosófico antigo. Abrange a época do domínio mundial de Roma e do surgimento do Cristianismo com os primeiros Padres da Igreja. Este período caracteriza-se pela interacção entre a cultura grega e dos povos orientais. A Filosofia, ocupa-se sobretudo com as questões da ética, do conhecimento humano e das relações entre o homem e a natureza e de ambos com Deus.

Os principais sistemas deste período são: **Estoicismo, Epicurismo e Cepticismo.**

Escola Estóica

Origem do estoicismo: estoicismo vem de “stoa” isto é póstico, porque seus adeptos reuniam-se e dialogavam debaixo de um pórtico.

Fundador: Zenão de Chipre (336- 260 a. C.), é natural de Chipre, filho de comerciante. Foi em Atenas por questões económicas e acabou por apaixonar-se pela Filosofia. Outros representantes do Estoicismo: Crispo, Epicteto, Sêneca, Marco Aurélio.

Doutrina: o estoicismo é uma doutrina moral: diz que a felicidade, consiste na prática da virtude, mas só será possível se nos afastarmos das paixões que perturbam a nossa calma interior. A felicidade consiste em viver em total liberdade.

A prática da virtude, segundo os estóicos, consiste na apatia, isto é, na anulação das paixões e na superação da própria personalidade.

Escola Epicurista:

Fundador: Epicuro (341-260 a. C).

Doutrina: o ser humano deve buscar o prazer da vida, identificar este prazer com a realização de uma conduta virtuosa.

Filosofia: é a arte da vida feliz ou mais exactamente, uma ocupação que por meio de discussões e investigações científicas dá lugar a uma vida feliz.

A felicidade: o bem supremo do homem consiste no prazer (hedoné).

No campo da moral: defende uma ética individualista de carácter utilitarista. Para Epicuro, o que orienta a vida dos homens é o proveito próprio, o gozo e o prazer.

Conhecimento: sustenta que só é real aquilo que podemos captar pelos sentidos.

Sábio: Aquele que atinge a paz e a tranquilidade da alma, dominando a agitação e o medo que assaltam o homem vulgar.

Para Epicuro, a alma é de natureza corporal e portanto não é imortal. Por isso, não devemos temer a morte, etc.

O bem é o prazer e o prazer consiste na eliminação de toda dor o seu estado estável é a ausência da dor – ataraxia alcançando a felicidade. O sábio despreza a morte. O critério da verdade é a sensação.

Escola Céptica

Fundador: Pirro de Elis.

Doutrina: defende a impossibilidade do conhecimento para atingir a verdade. A felicidade consiste em contentar-se com as sensações e na suspensão do juízo.

O termo cepticismo, significa investigação, procura. Quer dizer que a sabedoria não consiste no conhecimento da verdade, mas na sua procura. O homem não pode conhecer a verdade, mas somente procurá-la. Conhecê-la compete a Deus; investigá-la ao homem.

Para Pirro, a única atitude cabível ao homem é a suspensão (epoché) total do juízo: não se pode afirmar de coisa alguma que seja verdadeira ou falsa, justa e injusta.

A suspensão do juízo é em si uma ataraxia – ausência de qualquer perturbação e paixão. A felicidade consiste, portanto, na suspensão do juízo.

Outros nomes sonantes do cepticismo: **Carnéades e Sexto Empírico.**



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo **ESTAGNADO** no PayPal para o M-pesa ou E-mola por uma Taxa adicional de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395
Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Aceitamos toda
Moeda estrangeira



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ

Telefone
879369395

Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

Olá! Estou aqui para ajudar com qualquer dúvida ou informação de que você precise. Se você tiver alguma pergunta ou precisar de assistência, sinta-se à vontade para entrar em contato comigo no WhatsApp. Estou disponível para conversar e ajudar no que for necessário. Aguardo o seu contato! **879369395**

4 CAPÍTULO IV: FILOSOFIA MEDIEVAL: SÉC. IV D.C. ATÉ AO SÉC. XIV

Por Idade Média, entende-se o tempo que medeia entre duas outras épocas, a Idade Antiga que corresponde com toda cultura grego-romana e o Renascimento que é o ressurgir duma nova forma de ver e conceber a vida do homem. Nessa época, a Idade Média era tida como uma longa noite de mil anos. Ainda hoje utiliza-se a expressão “medieval” pejorativamente para tudo o que parece dogmático e retrógrado.

Não convém considerar todo o período medieval intelectualmente obscuro, embora tenha havido retrocessos em diversos sectores, expressões como, “*a grande noite de mil anos*”, “*idade das trevas*” ou ainda “*período em que a humanidade não tomou banho*”, resultam da visão pessimista e tendenciosa que o Renascimento teve da Idade Média. Mas houve quem tivesse visto a Idade Média, como o “**crescimento milenar**”, foi nesta época onde se formou o ensino público e surgiram as primeiras escolas, também foi nesta época onde foram fundadas as primeiras universidades e ainda hoje, as disciplinas estão divididas em grupos ou faculdades, como na Idade Média.

A filosofia Medieval é dominada pela mensagem bíblica, a fé assegurava a verdade dessa mensagem divina, a investigação racional e crítica passaram para o segundo plano, isto é, a filosofia é serva da Teologia e o objectivo principal dos filósofos é o de fundamentar as sagradas escrituras de forma racional. Destacam-se duas correntes: **a patrística e a escolástica**.

Patrística: marca a transição da Filosofia Antiga para Idade Média. É o conjunto dos textos escritos pelos grandes padres da igreja. Embora o seu início remonte a antiguidade, a patrística atingiu o seu apogeu com S. Agostinho.

Escolástica: é o conjunto de doutrinas oficiais influenciadas pelo pensamento platónico e aristotélico, caracterizada pela tentativa de conciliar a fé e a razão ou seja, os dogmas da fé e as verdades reveladas nas sagradas escrituras com as doutrinas filosóficas.

A escolástica é a mais alta expressão da Filosofia Medieval. É escolástica por ser a filosofia ensinada nas escolas cristãs. O expoente máximo da escolástica é Tomás de Aquino.

4.1 Características gerais da Idade Média

- 1- A filosofia é serva da teologia: na medida em que fornecia as bases racionais e argumentativas para a construção de um sistema teológico, sem questionar a fé.
- 2- Os filósofos desta época recorrem a filosofia de Platão e Aristóteles para fundamentar as sagradas escrituras.
- 3- Defesa da existência de Deus (teocentrismo).
- 4- Surgimento do cristianismo na Roma antiga que termina com o renascimento.
- 5- As discussões tinham um carácter pseudo-científico, falso saber, e não ultrapassava os limites dos cânones (decretos) básicos da ideologia religiosa.
- 6- Problema entre a fé e a razão.
- 7- Problema dos universais (realismo e nominalismo).

4.1.1 Principais escolas medievais:

A. Escola neoplatónica:

Fundador: Plotino (205-270). Sua filosofia teve como objectivo restaurar a de Platão.

Doutrina: tudo deriva do absoluto (uno), mediante o processo de emanção. A ordem da emanção é a seguinte:

A inteligência ou nous, é a única realidade que tem origem imediata no uno. Da inteligência procede a vida; da vida a alma universal e desta a alma dos homens. A última emanção do uno é a matéria.

Para além do processo de emanção falou também do retorno mediante o qual, as coisas foram reabsorvidas no Uno.

O homem realiza o processo de retorno percorrendo três etapas:

- 1- **Ascética**, mediante o exercício das quatro virtudes cardinais;
- 2- **contemplação**, que consiste no conhecimento do uno mediante a filosofia;
- 3- **Êxtase**, união mística, imediata com o uno.

Escola Agostiniana

Fundador: Santo Agostinho (354-430), foi o maior representante do cristianismo.

Doutrina: procura de uma base racional para a fé cristã, recorrendo a Filosofia de Platão. Para Agostinho, o conhecimento depende da iluminação de Deus.

Obras: **Civita Dei** (cidade de Deus, fundada no amor) e **Civita Homons** (cidade de homens ou terrena, fundada no egoísmo).

S. Agostinho, falou da Filosofia da História, segundo a qual, a história nasce das acções livres dos homens. É Deus quem dirige o curso da história.

A vida de S. Agostinho, pode dividir-se em dois períodos claramente distintos: **antes e depois da conversão**. **Antes da conversão**, S. Agostinho interessava-se principalmente por retórica e filosofia **da Depois conversão**, concentra seu interesse sobretudo na sagrada escritura e na teologia.

B. Escola Tomista

Fundador: S. Tomás de Aquino (1225-1274).

Doutrina: recorre a Filosofia de Aristóteles, mas sem desviar-se das fontes platónicas e neoplatónicas. S. Tomás, possui uma concepção do ser e dos princípios primeiros das coisas.

Quanto a metafísica do ser: diz que a perfeição máxima é o ser; todas as coisas são causadas pelo Ser Supremo.

De acordo a luz da concepção do ser, S. Tomás resolve todos os principais problemas filosóficos:

Epistemológico: a verdade consiste na correspondência entre o pensamento e o ser.

Teológico: Deus é o princípio de tudo.

Cosmológico: o mundo origina-se por criação, por meio de uma comunicação do ser por parte de Deus.

Antropológico: a alma humana é naturalmente imortal, enquanto possui ato de ser próprio independentemente do corpo.

“A razão e a fé não se contradizem, porque Deus é o seu autor”.

As cinco vias para demonstrar a existência de Deus: **Via do movimento, da causalidade, da contingência, do grau da perfeição e da ordem ou inteligência ordenadora.**

Para S. Tomás, a Filosofia é posta ao serviço da verdade e a verdade ao serviço de Deus.

C. Escola Franciscana:

Fundador: Boaventura (1221-1274)

Doutrina: defendeu uma concepção filosófica sobre a criação, conhecimento e a existência de Deus.

Na sua cosmologia desenvolveu a doutrina do **hilemorfismo universal** – todas as coisas incluindo anjos são constituídos de matéria e forma. Esta escola, defende que entre as faculdades humanas, a mais importante é a vontade e não o intelecto. Para Boaventura, a razão está subordinada a fé e a filosofia à teologia. Um dos caminhos para a alma se aproximar de Deus é o saber racional, a filosofia.

4.2 A Filosofia no Renascimento

O período de transição entre a mentalidade Medieval e a Moderna, ficou caracterizado pelo movimento artístico e científico, denominado Renascimento. Começou no fim do séc. XIV e termina no séc. XVI, inspirado na cultura greco-

romana, propiciou o desenvolvimento de uma mentalidade racionalista e da ciência.

O Renascimento é um período histórico de grande prosperidade cultural que teve início por volta do final do séc. XIV. Começou na Itália mas se difundiu rapidamente para o norte. Aquilo que devia renascer era a arte e a cultura da Antiguidade. Fala-se frequentemente do humanismo renascentista, porque o homem voltou a ser o centro de tudo, após longa Idade Média, em que todos aspectos da vida tinham sido interpretados à luz de Deus.

O Renascimento é um complexo movimento renovador de carácter literário, artístico, filosófico e científico que iniciou no séc. XIV na Itália e atingiu depois outros países da Europa.

A renascença assinala o fim da Idade Média e o início da Idade moderna, isto não só no que diz respeito a política e a religião, mas também no que se refere a Filosofia, a ciência, a arte, a moral e toda cultural em geral.

Com o florescimento do comércio e o desenvolvimento da Burguesia, formou-se um novo modelo de homem e de sociedade, foi-se assim substituindo os valores dominantes da Idade Média.

O Renascimento, impôs mudanças de relevo nos seguintes valores em relação a Idade Média:

- 1- Antropocentrismo em vez do teocentrismo, isto é, valorização do homem em vez de Deus.
- 2- Racionalismo em vez da fé, isto é, tudo é explicado mediante a razão e não mediante a revelação.

Durante o Renascimento prevaleceu a tendência um tanto exagerada, e até injusta, de considerar a Idade Média, na totalidade como “Idade de Trevas” ou “a longa noite de mil anos”. Como já o dissemos anteriormente, esse longo período não foi de total obscuridade.

5 CAPÍTULO V: FILOSOFIA MODERNA (SÉC. XVI- XVIII)

A filosofia Moderna tem o seu início com René Descartes, que efectua uma reviravolta na especulação filosófica. Ele é o pai da Filosofia Moderna.

Principal Marca: toda Filosofia Moderna, está virada para o problema do conhecimento.

Principais correntes: **Racionalismo e Empirismo.**

Racionalismo: defende a razão como sendo a verdadeira fonte do conhecimento. O expoente máximo é René Descartes.

Empirismo: defende a experiência (órgãos dos sentidos), como os verdadeiros geradores do conhecimento.

5.1 Características da Idade Moderna:

- 1- Desintegração do feudalismo;
- 2- A total autonomia em relação à teologia;
- 3- O pluralismo bastante acentuado de perspectivas filosóficas;
- 4- O progressivo desinteresse pela metafísica e uma maior atenção aos problemas gnoseológicos, políticos e éticos;
- 5- Antropocentrismo

A Idade moderna, antes de conhecer o que existe seria, conveniente conhecer o que conhece.

O pensamento moderno, recupera o sentido da filosofia como investigação dos primeiros princípios, tendo um papel de fundamentar a ciência e justificar a acção humana.

5.1.1 Escolas filosóficas

5.1.2 Escola racionalista

Fundador: René Descartes (1596-1650).

Doutrina: dá uma reviravolta na investigação filosófica, isto é, do campo ontológico para o gnoseológico. Para Descartes, o conhecimento válido não é o vem dos sentidos, mas o que se encontra inato na alma.

Método válido para descobrir a verdade: **é a dúvida metódica.**

Fundamento da Filosofia cartesiana: Cógito ergo sum (penso logo existo).

Segundo Descartes, os conhecimentos fornecidos pelos sentidos, podem enganar-nos. Por isso, tem de duvidar de tudo. No entanto no meio dessas dúvidas há uma certeza: se eu estou a duvidar é porque penso, e se penso é porque existo.

5.1.3 Escola Empirista

Fundador: Jonh Locke

Doutrina: para o empirismo, tudo parte da observação da natureza e da experiência; o ponto de partida do conhecimento é a experiência de certos factos concretos.

Outros expoentes: Thomas Hobbes, David Hume, George Berkeley.

Jonh Locke: considera a mente como uma tábua rasa, um papel em branco onde nada está escrito. Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu (nada está no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos.)

Thomas Hobbes: para ele, a guerra é o estado natural do homem.

David Hume: para além de empirista, é também historiador escocês. Desenvolveu as ideias de Locke sistema de cepticismo. Para Hume, o conhecimento se limita à experiência de ideias e sensações, cuja verdade não pode ser verificada.

George Berkeley: Irlandês, sua tese básica é: “o ser consiste em ser percebido”, quer dizer nada existe além da experiência sensível.

5.2 Filosofia Clássica Alemã

Compreende a Escola Idealista de Emmanuel Kant (1724-1804)

Doutrina: o idealismo, é um sistema filosófico que não admite outra realidade se não a ideia. A realidade é a criação do espírito. O ser fica subordinado ao conhecer.

Kant, desenvolveu o idealismo transcendental: o sujeito está dotado de categorias apriori (espaço e tempo) através das quais torna possível o conhecimento. Kant, defende que, existe um mundo objectivo, da coisa em si, que existe fora de toda experiência – Noumeno. Este não é cognoscível em si, mas apenas pensável. O que existe diante de nós são as sensações e não as coisas.

Para o **idealismo** de cunho **gnoseológico**, o **eu**, é a actividade ordenadora e unificadora da experiência externa e interna. Portanto o **eu** não é só unificador mas também criador de toda realidade.

Emmanuel Kant, foi o fundador da Filosofia clássica alemã, autor de três principais obras:

- 1- **Crítica da Razão Pura;**
- 2- **Crítica da Razão Prática;**
- 3- **Crítica do Juízo.**

Kant, procurou conciliar o **empirismo e o racionalismo**, como fonte do conhecimento.

Hegel: elevou as leis da dialéctica, com ele o idealismo atingiu o ponto mais alto, visto que vê todo desenvolvimento como produto da alta manifestação do espírito ou ideia absoluta.

Outros expoentes: Fichte, Schelling, Hegel.

Origem do idealismo objectivo:

Surge na antiguidade com Platão, ao admitir a existência objectiva, do mundo das ideias como modelo do mundo material;

Na modernidade, com Hegel, que atribui o espírito ou ideia absoluta, com a responsabilidade última, com o desenvolvimento da história. Assim como Berkeley, para ele a realidade depende das nossas percepções.

5.2.1 Iluminismo ou Ilustração

O iluminismo ou ilustração é uma das marcas importantes do séc. XVIII, também conhecido como o Século das Luzes. Luzes significam o poder da razão humana de interpretar e reorganizar o mundo.

O iluminismo, mais do que um sistema filosófico, é um movimento espiritual, típico do século XVIII e caracterizado por uma ilimitada confiança na razão humana para tornar os homens melhores e felizes, iluminando-os e instruindo-os.

Iluminismo: é um antropocentrismo, um acto de fé apaixonado na natureza humana. É um novo evangelho do progresso e da felicidade. Prega uma nova era em que o homem, vivendo em conformidade com a natureza, será perfeitamente feliz.

O iluminismo desenvolveu-se: na França, Inglaterra e Alemanha no século XVIII ou das luzes.

No plano político, o iluminismo defende as liberdades individuais e os direitos dos cidadãos contra o autoritarismo e o abuso do poder.

Características do iluminismo:

- 1- **Veneração da ciência:** esta serve para resolver os problemas da humanidade.
- 2- **Empirismo:** tudo quanto esteja fora da ciência, não tem interesse nem valor.
- 3- **Racionalismo:** confiança ilimitada na razão.

- 4- **Antitradicionalismo:** crítica da tradição, sobretudo da igreja e da monarquia.
- 5- **Optimismo utópico:** o homem é capaz de eliminar todas as causas de infelicidade e de miséria em qualquer sector (social, político, económico, etc) e conseguir um estado de perfeita felicidade. Houve optimismo no campo da medicina, no qual se esperava vencer todas enfermidades, inclusive a morte.

Defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso. Os iluministas entendiam que o homem só poderia se libertar através da razão e do saber.

Expoentes do iluminismo: Voltaire, Diderot, Montesquieu, Rousseau, Newton e Wolf.



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo **ESTAGNADO** no PayPal para o M-pesa ou E-mola por uma Taxa adicional de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395

Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Aceitamos toda Moeda estrangeira



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ



Telefone
879369395



Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

Olá! Estou aqui para ajudar com qualquer dúvida ou informação de que você precise. Se você tiver alguma pergunta ou precisar de assistência, sinta-se à vontade para entrar em contato comigo no WhatsApp. Estou disponível para conversar e ajudar no que for necessário. Aguardo o seu contato! **879369395**

6 CAPÍTULO VI: FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA (FINAL DO SÉC.XVIII ATÉ AOS NOSSOS DIAS).

A Filosofia Contemporânea, caracteriza-se por uma diversidade de sistemas e escolas filosóficas, onde encontramos uma concepção de Filosofia, como investigação crítica que se situa a um nível essencialmente distinto do nível da ciência, embora intimamente relacionada com esta, porque as descobertas científicas, suscitam muitas questões filosóficas e a reflexão filosófica frequentemente teorias científicas.

6.1 Escolas filosóficas contemporâneas

6.2 Escola voluntarista

Fundador: Artur Schopenhauer (1788-1860)

Representantes: Artur Schopenhauer, Kierkegard, Nietzsche, Herbart, Freud.

Doutrina: o voluntarismo surge como reação à exagerada exaltação do poder da razão defendido pelo iluminismo e pelo idealismo. Para esta escola o que mais conta no homem é, a vontade, instinto e a fé, não a razão, lógica nem a metafísica.

Schopenhauer, questiona: se a razão domina sobre a natureza e a história, como é que o mal, o ódio, a dor, as guerras, a violência, etc, aparecem no mundo? E responde: a causa é a vontade cega cruel. Portanto a vontade está acima da razão.

6.3 Escola Positivista

Fundador: Augusto Comte (1798-1857)

Doutrina: o positivismo é uma luta contra a metafísica por estar além do experimental.

Segundo Comte, há três estados fundamentais e que constituem a história da humanidade:

- 1- **Estado teológico:** é caracterizado pela crença, em poderes sobrenaturais que organizam o universo.

- 2- **Estado metafísico:** é caracterizado pela confiança em princípios abstractos apreendidos racionalmente.
- 3- **Estado positivo:** quando a humanidade atinge este estado, surgem as ciências positivas. Este é caracterizado pela explicação do real em termos científicos.

Escola neopositivista ou positivismo lógico

Fundador: Ludwing Wittgenstein

Representantes: Ludwing Wittgeinstein, Schlick, Neurath, Reichembach, Carnap, Russell, Ayer, etc.

Doutrina: para o neopositivismo, a filosofia sai do campo da metafísica e do conhecimento e vira-se para o campo da linguagem, visando torná-la num campo científico rigoroso, baseando-se nos critérios da verdade.

Principais razões da revolução linguística verificadas na filosofia:

- a) A convicção de que muitas discussões filosóficas são devidas a insuficiente clareza e à falta de precisão da linguagem.
- b) O desejo de descobrir uma linguagem universal e um critério de significação absoluto, válidos para todas as disciplinas científicas e filosóficas.

O método da filosofia seria este: “não dizer nada, a não ser o que deve ser dito”.

6.4 Escola pragmática

Fundador: Charles Peirce

Representantes: Charles Peirce, William James, Jonh Dewey.

Doutrina: o êxito é que torna o conhecimento verdadeiro. O homem não é essencialmente um ser teórico ou pensamento, mas um ser prático, de vontade e de acção.

Para James, a realidade está no fazer.

6.5 Escola Marxista

Fundador: Karl Marx (5.5.1818, em Treves, Alemanha).

Doutrina: essencialmente materialista, a estrutura económica e o modo de produção, garantem a manutenção da vida colectiva. Primeiro a existência social depois é a consciência: *“a existência determina a consciência do homem”*.

Neste caso, o materialismo filosófico, contrapõe-se ao idealismo.

Sua concepção sobre a história é a seguinte: os elementos para a análise do processo histórico, devem ser buscados nos modos de produção, que abrangem tanto as forças produtivas como as relações de produção.

A luta de classe é o motor da história. Só desapareceriam com o surgimento de uma sociedade comunista perfeita.

6.6 Escola Existencialista

Fundador: Martin Heidegger (1889-1976)

Doutrina: a 1ª GM provocou tantas vítimas, desgraças, que levou interrogações sobre a validade dos sistemas filosóficos surgidos até aí. Como consequência, nasce a necessidade de uma **renovação substancial da filosofia**. Surgem interrogações acerca do sentido e do valor da existência humana.

Heidegger, defende que a especulação filosófica, deve analisar a experiência humana quotidiana em todos os aspectos *teóricos e práticos, individuais e sociais*; mas sobretudo **os aspectos irracionais da vida humana**.

O único objectivo digno de atenção do filósofo, *é a experiência quotidiana*.

Qual é o centro do existencialismo?

O centro do existencialismo é a liberdade, pois o homem, é aquilo que cada um faz da sua vida, somos responsáveis por nós mesmos e por aquilo que nos cerca.

Características do existencialismo

Método fenomenológico: consiste em clarificar a experiência humana, não por meio de princípios metafísicos, mas no âmbito da experiência, mediante a observação objectiva da realidade tal como se apresenta.

Ponto de partida antropológico: a reflexão filosófica concentra-se sempre no homem.

Tentativas de integrar as dimensões do homem, normalmente consideradas irracionais: instintos, sentimentos e paixões numa visão mais compreensiva.

A existência subordina a essência: o homem cria a sua própria essência mediante o uso da liberdade.

Os critérios da conduta moral, não provêm da natureza nem de Deus, mas da história, isto é, das possibilidades concretas que se apresentam quotidianamente a cada um de nós.

6.7 Problema lógico

O termo “Lógica” deriva do vocábulo grego, logos, que apresenta na língua originária uma multiplicidade de significados que exprimem uma estreita conexão recíproca: palavra, intelecto, discurso, mente, estudo, raciocínio, ideia, etc.

A lógica como ciência nasce nas entranhas da Filosofia no séc. IV a.C, por intermédio de Aristóteles na Grécia Antiga. Aristóteles foi o protótipo da lógica ao fazer estudo sistemático dos conceitos, mas a palavra lógica só virá ser generalizada pelos estóicos, para significar a ciência do raciocínio. Os estudos de Aristóteles acerca da lógica encontram-se no “órganon”, nome dado pelos bizantinos que procuraram reunir todas obras aristotélicas em um só volume. Órganon significa “instrumento”; a lógica é de facto, o instrumento do pensamento.

A lógica é a ciência que estuda o pensamento enquanto pensado.

É a ciência dos métodos que nos permite distinguir um raciocínio correcto de um incorrecto. Ou ainda a ciência das formas válidas do pensamento. Entre as operações intelectuais procura determinar quais são as válidas e quais as que não são.

6.7.1 Objecto

Pensamento, abordado e identificado como meio de conhecer o mundo objectivo. Este pensamento é dinâmico na medida em que se revela na actividade criadora do homem, na capacidade de interpretar e transformar o mundo.

Linguagem, presente em todos os domínios da actividade humana e da vida. É o sinal evidente da superioridade do homem em relação aos animais. “Os animais não pensam porque não falam”. “Uma boa linguagem é a essência do pensamento”.

6.7.2 Divisão da lógica

A lógica divide-se em duas partes: lógica **formal (teórica ou pura)** e a **lógica material (aplicada ou metodologia)**.

Lógica formal: estuda as leis que devem regular as diferentes formas do pensamento (ideia, juízo e raciocínio), abstraído da matéria à qual se pode aplicar. Está lógica centra-se nas regras, normas, leis e princípios para o pensamento correcto.

Lógica material: estuda a aplicação das operações do pensamento segundo a matéria, ou seja, estuda o acordo do pensamento com a realidade.

A lógica é, ao mesmo tempo, uma **ciência** e uma **arte**:

É uma ciência, porque nos dá a conhecer quais os processos do pensamento que nos conduzem à verdade e organiza-os num sistema coerente.

É uma arte (arte de bem pensar), porque é um exercício do pensamento que se realiza na construção de raciocínios, isto é, uma técnica que nos leva a pensar bem.

6.7.3 Utilidade da lógica

Compreende as limitações da linguagem corrente e mostra que nossos raciocínios são válidos unicamente em virtude da sua forma, eliminando equívocos linguísticos.

Garante a correcção formal do raciocínio e a coerência do discurso.

Evita o domínio do senso comum no pensamento.

6.7.4 Os princípios da razão

São leis que guiam nossos pensamentos, raciocínios e juízos, de maneira que construamos coerentemente nossa linguagem, tornando-a mais clara, cuidada e objectiva. Os três primeiros princípios surgem na Idade Antiga com Aristóteles, o quarto na Medieval e o quinto na Idade Moderna, propriamente com o filósofo Leibniz. Ei-los:

- 1- **Princípio de identidade:** cada coisa é igual e idêntica a si mesma. Ex: Manga é manga, laranja é laranja. *Todo A é A.*
- 2- **Princípio de (não) contradição:** uma coisa não pode ser e ser ao mesmo tempo de acordo com a mesma perspectiva. *A é A e não pode ser não A ao mesmo tempo e na mesma relação.*
- 3- **Princípio do terceiro excluído:** uma coisa deve ser, ou não ser, não há terceira possibilidade, isto é, ou é, ou não é. *Ou A é G ou é Z, não há terceira hipótese.*

O princípio de identidade, regula o processo da univalência dos objectos no pensamento, o princípio de não contradição estabelece a regra processo da incompatibilidade já o princípio do terceiro excluído fornece ao pensamento a regra da irreconciliabilidade ou a impossibilidade de encontrar um meio-termo.

- 4- **Princípio da negação universal (dictum omni et nullo):** para este princípio, o que tem valor para todos tem-no igualmente em relação alguns ou a particulares e vice-versa. E, o que não valor em relação alguns não pode tê-lo nem para com alguns nem para particulares.
- 5- **Princípio da razão suficiente:** tudo o que existe e tudo o que acontece tem a sua razão (causa ou motivo) para existir ou para acontecer. Toda ideia verdadeira deve ser suficientemente fundamentada.

6.7.5 Pensamento e discurso

Ao pensar construímos frases, fazemos interrogações, exclamamos, expressamos desejos. Acima de tudo fazemos afirmações, relacionamos as palavras, as ideias, os factos e argumentos construindo assim um discurso.

Pensamento é a base da produção do **discurso**, é o produto do pensar.

Pensamento é o conjunto de ideias com significados que se elabora sobre uma determinada coisa. Dai que o conhecimento resulte de uma relação entre o sujeito que pensa e o objecto pensado. É-o, no sentido amplo, um processo mental que envolve ideias.

Guetmanova, define o pensamento, como a manifestação suprema da consciência

Discurso é o conjunto de ideias expressas por códigos e que se referem a objectos. Estabelece relação entre dois elementos expressos no código: elemento linguístico, isto é, o que o homem pensa de alguma coisa e o elemento material que é a própria coisa.

Para a Filosofia, só falamos de discurso quando estamos perante um conjunto de enunciados articulados entre si de forma coerente e lógica.

Para a linguística, o discurso é um acontecimento de linguagem, actualização da língua em palavras, acto de fala, de comunicação linguística.

Para alguns lógicos todo o discurso, apresenta-se sempre simultaneamente como: acontecimento de linguagem, manifestação do pensamento.

O discurso é fruto intercâmbio entre o sujeito pensante e o objecto pensado.

6.7.6 Conceito e termo

O elemento base da lógica aristotélica é o conceito. Conceito ou ideia (noção), é o resultado de uma operação do espírito que faz com que coloquemos determinado objecto em tal categoria e não em outra.

A ideia ou conceito é a representação intelectual da essência de um objecto. Há diferença entre o **conceito** e o **termo**: **conceito** é a representação mental dos objectos. Já o **termo** é a expressão verbal do conceito, dá existência objectiva ao conceito. O termo é a expressão externa da ideia. O conceito é o elemento do pensamento; enquanto o termo é o elemento da linguagem;

Não confundir o termo gramatical com o termo lógico.

Termo gramatical: é constituído de uma só palavra.

Termo lógico: é constituído por várias palavras para exprimir todo conteúdo da ideia. Ex: homem baixo. O termo é o significante e o conceito é o significado.

Uma ideia não é verdadeira, nem falsa, porque nela nada se afirma e nada se nega. As ideias ou conceitos podem ser possíveis (animal racional) e impossíveis (círculo quadrado), segundo são formados de elementos logicamente compatíveis ou incompatíveis entre si.

Quando nos exprimimos para com o nosso semelhante, a ideia é anterior ao termo, para o nosso interlocutor, o termo é anterior a ideia.

Propriedades fundamentais do conceito: **compreensão e extensão**.

6.7.7 Juízo e proposição

O juízo é a forma central do pensamento, pois todas as actividades mentais terminam no juízo. As ideias são os materiais para formular juízos, e os raciocínios são encadeamentos de juízos que conduzem a novos juízos.

Juízo: é a operação mental que consiste em afirmar ou negar uma relação entre conceitos. Está ligado aos seus valores lógicos: verdade ou falsidade. Pode ser ainda um acto de pensamento, susceptível de ser verdadeiro ou falso. O juízo é o lugar próprio e originário da verdade formado por ideias ou conceitos.

A proposição é a expressão material do juízo constituído por termos.

Estrutura do juízo:

Sujeito: o ser de que se afirma ou nega qualquer coisa.

Predicado: aquilo que se afirma ou nega do sujeito.

Cópula: elemento de ligação entre o sujeito e o predicado que habitualmente é representada pelo verbo ser.

Quantificador: define o grau de extensão da proposição geralmente do sujeito e influi na acção da cópula.

A cópula é o elemento estruturante e constitui a forma do juízo, o sujeito e o predicado constituem a matéria do juízo.

Classificação dos juízos:

1- Quanto a extensão ou quantidade podem ser:

- a) **Universais:** quando o sujeito está tomado em toda sua extensão. Ex: todos os homens são mortais.
- b) **Particulares:** quando o sujeito é tomado em parte da sua extensão. Ex: alguns homens são professores.
- c) **Singulares:** quando o sujeito designa um indivíduo. Jeremias é professor.

2- Quanto a qualidade ou forma podem ser:

- a) **Afirmativos:** quando o predicado convém ao sujeito. Ex: todo homem é imperfeito.
- b) **Negativos:** quando o predicado não convém ao sujeito. Ex: todo homem não é perfeito.

- c) **Infinitivos:** quando é afirmativo pela cópula e negativo pelo predicado. Ex: o gato é não racional.

3- Quanto a relação podem ser:

- a) **Categóricos:** quando se afirma ou se nega de forma absoluta e sem reservas. Ex: nenhum homem é imortal.
- b) **Hipotéticos:** se a afirmação é condicional ou disjuntiva. Ex: se não chover irei a escola (**condicional**); ou vou a Quipungo ou vou a Lubango (**disjuntivo**).

4- Quanto ao modo podem ser:

- a) **Apodícticos ou necessários:** quando o predicado convém necessariamente ao sujeito, isto é, lhe é essencial. Ex: sem oxigénio o homem morre.
- b) **Assertórios ou contingentes:** quando o predicado convém, mas não necessariamente, ao sujeito, isto é, lhe é accidental. Ex: Cristiano Ronaldo é jogador.
- c) **Problemáticos ou duvidosos:** quando a afirmação ou negação envolve simples possibilidade. Ex: Serei admitido no concurso.

6.7.8 Inferências imediatas e mediatas

As proposições não valem apenas em si mesmas, com efeito, podemos passar de uma proposição a outra ou as outras e a isso se chama de **inferir**.

Inferência: é a operação que consiste em tirar de uma ou mais proposições outra ou outras que aí estavam implicitamente contidas. As inferências podem ser: imediatas e mediatas.

Inferência imediata: consiste em obter directamente uma nova proposição a partir de uma proposição dada e apenas com os termos que a constituem. Se dissermos que «nenhum europeu é africano», é certo que inferimos «nenhum africano é europeu». As inferências imediatas podem ser por oposição e por conversão.

Inferência mediata: exige mais do que dois termos (normalmente três, servindo um de termo médio) e mais do que uma proposição (geralmente duas), como ponto de partida. Ex: todo homem é racional, tomando o termo homem como mediador entre Joaquim é racional.

Raciocínio: é a operação pela qual a inteligência, partindo de duas ou mais relações conhecidas, afirmadas ou negadas, conclui uma nova relação que nelas estava implicitamente contida e delas deriva logicamente. Ou seja, é a operação mental que infere conhecimentos novos a partir de conhecimentos dados. Divide-se em três partes:

- 1- **Dedução:** é o movimento do pensamento que desce do geral para os factos particulares, parte das causas para os efeitos, das leis para os factos.
- 2- **Indução:** é o movimento do pensamento que procede do particular para uma conclusão geral.
- 3- **Analogia:** é o raciocínio que de certas semelhanças infere novas semelhanças.

Silogismo: é um raciocínio dedutivo formado de três proposições, das quais duas são as premissas e a terceira a conclusão.

Termos do silogismo:

- 1- **Termo maior (P ou T):** é aquele que tem maior extensão e é predicado da conclusão.
- 2- **Termo menor (t):** é o que tem menor extensão e é sujeito da conclusão.
- 3- **Termo médio (M):** repete-se nas duas premissas e não aparece na conclusão.

As proposições do silogismo:

- 1- **Premissa maior:** é a proposição que contém o termo maior, geralmente a primeira.
- 2- **Premissa menor:** é a proposição que contém o termo menor, geralmente a segunda.
- 3- **Conclusão:** é a proposição que contém o termos menor e maior.

Figuras do silogismo: são aspectos que ele toma consoante a função exercida pelo termo médio nas premissas, isto é, se é sujeito ou predicado.

Modos do silogismo: é o aspecto derivado da quantidade e qualidade das proposições que o constituem.



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo
ESTAGNADO no PayPal
para o M-pesa ou E-mola
por uma Taxa adicional
de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395

Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Aceitamos toda Moeda estrangeira



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ

Telefone
879369395

Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

7 CAPÍTULO VII: PROBLEMA EPISTEMOLÓGICO

A Epistemologia ou Filosofia da Ciência é a parte da filosofia que estuda a crítica metodológica da ciência. É o estudo crítico do saber científico.

É vocacionada a responder as seguintes inquietações:

O que é o conhecimento científico? Qual é o seu alcance? Qual é o seu valor? Quais são os seus limites? Quando é que se diz que uma teoria é melhor que a outra? O que é que se pode dizer quando se afirma que as ciências empíricas são objectivas?

Estas perguntas surgem no século XIX quando os filósofos começam a manifestar uma desconfiança e fazem uma crítica perante o conhecimento científico. Até nesta altura, havia uma exaltação da ciência porque esta tinha dado um avanço gigantesco, que tudo que ela dizia era indiscutível. Com o passar do tempo, viu-se que ela afinal tinha limites, era necessário joeirar tudo o que ela nos fornece, é necessário ter um espírito crítico.

Foi assim que nasceu e se desenvolveu a Epistemologia ou Filosofia da Ciência. Esta ensina-nos que a ciência deve ser colocada nos seus limites, reconhecendo que ela não é a única forma de saber muito menos um saber absoluto.

A Filosofia da Ciência, propriamente dita, desenvolveu-se consideravelmente no séc. XX, originando três movimentos principais:

- 1- Neopositivismo;
- 2- Interpretação metafísica da ciência;
- 3- Racionalismo científico.

7.1 O problema gnosiológico (teoria do conhecimento)

O termo **Gnosiologia**, vem do grego gnosis, que quer dizer conhecimento e logia que quer dizer tratado. A Gnosiologia ou teoria do conhecimento é uma reflexão filosófica sobre o conhecimento que tem como objectivo investigar sua **origem, possibilidade, natureza, extensão** e o seu **valor**. Para além de

estudar os problemas da origem, possibilidade e natureza do conhecimento também tem como finalidade, estudar os problemas levantados pela relação entre o sujeito cognoscente e o objecto conhecido.

7.1.1 Visão histórica da gnosiologia como disciplina filosófica

Não se pode falar da gnosiologia, como disciplina filosófica independente, nem na Antiguidade nem na Idade Média. Na Filosofia Antiga encontramos numerosas reflexões epistemológicas especialmente em Platão e Aristóteles, por sua vez, incluídos nos textos metafísicos e psicológicos. Na Idade Média, o problema gnosiológico está subordinado ao ontológico. A Gnosiologia enquanto disciplina autónoma aparece pela primeira vez na Idade Moderna e tem como fundador, o filósofo John Locke com a sua obra: **“Ensaio sobre o entendimento humano”**, aparecida em 1690, na qual trata de forma sistemática as questões da origem, essência e certeza do conhecimento. Também deram os seus contributos: Descartes, Leibniz, Hume e Kant.

As principais questões que se levantam no âmbito da gnosiologia: possibilidade de conhecimento, origem de conhecimento, essência do conhecimento, formas do conhecimento e critério do conhecimento.

1- A possibilidade do conhecimento e suas soluções:

1.1- **Dogmatismo:** afirma ser possível o conhecimento porque a razão humana tem capacidade de conhecer a realidade.

1.2- **O cepticismo:** afirma que nada se pode conhecer com certeza. O conhecimento é relativo à perspectiva daquele que conhece. Há três tipos de cepticismo:

a) **Radical** (Pirro): é impossível apreender o objecto com toda certeza.

b) **Moderado** (Arcesilau e Carnédes): defende ser aconselhável emitir juízos prováveis.

c) **Metódico** (René Descartes), defende a necessidade da dúvida para o alcance da verdade.

- 1.3- **Criticismo:** encontra-se entre o dogmatismo e o cepticismo. Partilha com o dogmatismo a confiança no poder da razão humana, mas também com o cepticismo, a desconfiança perante o conhecimento determinado. O criticismo examina todas afirmações da razão humana e não aceita nada despreocupadamente. Seu comportamento não é dogmático nem céptico, mas sim reflexivo. Seu defensor é Emmanuel Kant.
- 1.4- **Pragmatismo:** defende que o fim último do conhecimento não é a verdade mas a eficácia. O valor da verdade mede-se pelas suas consequências práticas. Principal representante: W. James.
- 1.5- **Subjectivismo e relativismo:** para o subjectivismo há uma verdade, mas é limitada não é universalmente válida. Limita-se ao sujeito que pode ser individual ou universal. Quanto ao relativismo, este aparenta-se com o subjectivismo, segundo ele, não há uma verdade absoluta e universalmente válida. A verdade é relativa e depende da influência do meio e do espírito do tempo.

Os representantes clássicos são os sofistas com a famosa tese de Protágoras: *“o homem é a medida de todas as coisas”*.

b) Origem do conhecimento:

- 2.2- **Racionalismo:** defende a razão como principal fonte de conhecimento (René Descarte).
- 2.3- **Empirismo:** opõe-se ao racionalismo e defende que a única fonte do conhecimento é a experiência. Aquando do nosso nascimento o espírito humano é uma tábua rasa ou um papel em branco onde nada está escrito. (Jonh Locke). *“Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu”*, nada está no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos.
- 2.3- **Intelectualismo:** mediador do conhecimento: defende que tanto a razão quanto a experiência, tomam parte da produção do conhecimento.

3- Essência do conhecimento:

3.3- Idealismo: tem dois sentidos, metafísico e epistemológico. Basear-nos-emos no sentido epistemológico que sustenta a tese de que não há coisas reais, independentes da consciência. O existente depende do consciente. “Esse est percipi vel percipere”, o ser consiste em ser percebido. (Berkeley).

3.4- Realismo: é a posição epistemológica segundo a qual há coisas reais, independentes da consciência. Principal representante: Demócrito.

3.5- Fenomenalismo: é a teoria segundo a qual não conhecemos as coisas como são em si, mas como se nos apresentam. Para esta corrente, há coisas reais, mas não podemos conhecer a sua essência. O fenomenalismo coincide com o idealismo ao limitar o conhecimento à aparência e coincide com o realismo ao admitir coisas reais, seu defensor é E. Kant.

4- Formas do conhecimento:

4.4- Sensorial: sensação, percepção e representação.

4.5- Racional: conceito, juízo e raciocínio.

5- Critério da verdade

O que é a verdade? Depende do âmbito em que estivermos a tratar este assunto.

Em **moral**, a verdade coincide com a sinceridade; em **teologia**, com a revelação; em **direito**, a verdade está entre as provas e os testemunhos que são apresentados, apreciados e criticados ou apreciados pelo juiz. Consiste em encontrar a razão, o justo e o verdadeiro.

7.2 Verdade em Filosofia

Verdade lógica: coerência formal do pensamento consigo próprio à luz do princípio de não contradição.

Verdade metafísica ou ontológica: adequação do pensar e do dizer ao ser; as coisas tal como são na consistência do seu ser. “A adequatio rei et

intellectu” – o pensamento deve ser fiel àquilo que a realidade de facto é. (Filosofia Antiga e Medieval).

Verdade como certeza: aqui a verdade é ideia que se revela ao pensamento como clara e distinta. Ter a garantia da evidência de uma ideia (Descartes).

Verdade como objectividade: concordância do pensar com os objectos, dados na experiência.

A prática: é o ponto de partida e a base do conhecimento. É a actividade dos homens com a finalidade de transformar a natureza e a sociedade, a sua base é o trabalho e a produção material.

Porquê a prática é o ponto de partida e a base do conhecimento? Porque o próprio conhecimento surge na base da prática e sobretudo sob a influência da produção material.

Conhecimento: é o processo dialéctico de reflexo do mundo material na consciência humana; ou processo dialéctico histórico-social da actividade humana, que reflecte a realidade objectiva na consciência humana. Ou seja, é o movimento da ideia do desconhecido para o conhecimento, de um conhecimento incompleto e inexacto para um mais completo e exacto.

7.2.1 O problema ético e axiológico

A ética é uma reflexão sobre os nossos actos e costumes no sentido de averiguar se eles são os melhores, os mais justos, os mais desejáveis. É a ciência que estabelece leis e ideias da actividade humana livre do homem. É a ciência dos valores e o seu objectivo é promover valores tais como: a justiça, caridade, paz, amor, reconciliação, solidariedade, etc.

Relação entre o bem e o mal

O bem e o mal, referem-se a avaliação de objectos, desejos e comportamentos, através de um aspecto dualístico: *os moralmente positivos e os negativos*.

O bem é visto como algo que implica reverência, pela vida, ou desenvolvimento humano. **O mal** é visto como o oposto do bem, tudo o que é constrangedor e nocivo ao ser humano e ao meio ambiente.

Os moralistas distinguem:

- 1- **Actos humanos:** são aqueles que homem pratica ser racional e livre, com ponderação de motivos e sabendo qual a sua relação com o bem ou com o mal. Os actos humanos são objecto da moral. Esta procura levar o homem não só a não fazer o mal, mas sobretudo a fazer o bem.
- 2- **Actos do homem:** são aqueles que o homem realiza sem reflexão.

7.2.2 Aspectos principais da ética:

- 1- **Problema crítico:** que impõe códigos de conduta moral, prescreve deveres, estabelece leis, dita normas que os membros de uma determinada sociedade devem cumprir. Sócrates estudou esta questão com tanta originalidade que passou a ser considerado o criador da Filosofia Moral.
- 2- **Problema teórico:** trata das condições transcendentais do agir moral e do critério supremo para distinguir o bem do mal. Temos a considerar os seguintes critérios transcendentais: liberdade, consciência e liberdade guiada por um princípio directivo.

7.2.3 O critério supremo para distinguir o bem do mal é determinado:

- 1- **Moral teleológica:** constituída sob o princípio do fim último.
- 2- **Moral deontológica:** constituída sob o princípio do dever.

Axiologia

A axiologia é a teoria dos valores, é a filosofia dos valores ou ciência que se encarrega do estudo dos valores como o bem, o belo, o sagrado, etc.

A axiologia debate-se com o problema da definição do valor. Não é fácil definir o valor. **Genericamente, valor** é uma qualidade atribuída a uma coisa, a partir da avaliação (juízo de valor) feito sobre ela. Em Filosofia há duas correntes que concorrem entre si na tentativa de defini-lo. **São o objectivismo axiológico e o subjectivismo axiológico.**

Objectivismo axiológico: defende que se gosta das coisas porque elas têm valor, os homens apenas o descobrem, o valor existe como algo de absoluto, intrínseco e é propriedade dos objectos e é independente ao homem.

Subjectivismo axiológico: defende que as coisas assumem valor porque há um sujeito que as gosta; assim o valor é sempre uma criação do homem, sendo dependente da apreciação do sujeito. Não é por acaso, que algo seja belo para alguém e feio para outro. Em suma os valores são entidades virtuais. Ex: na Índia, a vaca tem um valor sagrado, já em outros cantos do mundo, como o é o nosso, ela tem um valor económico e nutricional.

A tese que concilia as duas posições defende que os valores não existem independentemente das coisas, não têm uma existência independente; mas são propriedades reais das coisas que despertam valores. No entanto, as coisas só são valiosas potencialmente, apenas adquirem realmente valor quando entram em interacção com o homem. Só nesta relação é que os valores fazem sentido.

Classificação, hierarquia e polaridade dos valores

Os valores são múltiplos e classificam-se em: morais, estéticos, económicos, sociais, religiosos, materiais, familiares, e hoje, com a globalização, fala-se também de valores democráticos e ecológicos.

Os valores apresentam-se sempre numa escala que vai do menos para mais. A esta ordenação qualitativa dos valores **dá-se o nome de hierarquia de**

valores, cada um tem a sua escala de valores que influencia a sua escolha e a sua cosmovisão.

Os valores aparecem com dois pólos (dupla face): positivo e negativo. Pólo positivo (por exemplo: bonito); pólo negativo (feio). O pólo negativo é denominado de contravalor ou desvalor.

7.2.4 Historicidade e perenidade dos valores.

A multiplicidade dos valores é resultado da contínua evolução do homem e do próprio mundo, das experiências naturais e sociais em fluxo no processo revelativo das descobertas.

Neste âmbito, levantam-se algumas questões: será que antigas experiências já não têm nenhuma utilidade, e por isso, não valem? Não sendo válidas devem ser rejeitadas? A história da antiguidade já não tem mais importância para o homem novo? Se não como saberemos das nossas origens e daquilo que nos identifica com os outros?

Há valores antigos que permanecem na história dos novos. Os valores novos são resultados dos antigos: o valor da independência, das tecnologias, do racismo. Se analisarmos o problema num ângulo subjectivo, dir-se-á que tudo muda; mas visto numa perspectiva objectiva ver-se-á que houve apenas uma evolução e não necessariamente uma mudança. Pois diz-se que mudam os tempos, as sociedades, a utilidade das coisas. Mas rigorosamente falando, não mudam apenas evoluem. O sistema de comunicação é só um e não mudou, evoluiu. O valor do meio de transporte no passado, que pensamos ter mudado; mas evoluíram vários meios de transportar as coisas. A vida em si obriga-nos que evoluamos.

Tudo isto justifica que, há valores antigos que permanecem na história dos novos. Não há valores que não resultem da história do homem e por isso caminham com ele, no seu processo evolutivo, de geração a geração.

7.3 Dialéctica como doutrina do desenvolvimento e da conexão universal

Do grego dialeticke: arte do diálogo, debate ou discussão. Era concebida na Antiga Grécia como método de argumentação a fim de alcançar a verdade.

7.3.1 Fundadores da dialéctica:

Heráclito, Zenão e Sócrates. Para estes a dialéctica é o método que procura esclarecer as contradições da realidade social e resolvê-las no curso do desenvolvimento histórico; é a arte da argumentação, método de investigação lógica que passa pelo levantamento das questões que são dadas respostas ou que são respondidas, visa a procura da verdade.

Platão: é a técnica de perguntar, responder e refutar o que se aprendeu, é o processo pelo qual a alma se eleva por degraus das aparências sensíveis a realidade inteligíveis ou ideias.

Hegel: é o movimento racional que nos permite ultrapassar uma contradição. Nesta época, a dialéctica não interpretava, mas sim reflectia a própria realidade.

A dialéctica: é uma ciência particular que estuda as leis mais gerais de toda a espécie do movimento, transformação e desenvolvimento, mostra que o mundo é um processo infinito de movimento, renovação, atrofamento do velho e surgimento do novo.

Ela vê a fonte do movimento e do desenvolvimento nas contradições internas ligadas aos objectos e fenómenos.

7.3.2 Elementos básicos da dialéctica:

- 1- Tese ou afirmação;
- 2- Antítese ou negação;
- 3- Síntese ou negação da negação.

7.3.3 Leis da dialéctica:

As leis da dialéctica, explicam o movimento e o desenvolvimento em geral do mundo material, mostram as suas fontes e forças motrizes que residem em contradições internas.

- 1- **Lei da unidade e luta de contrários:** os contrários não apenas existem, mas encontram-se em estado de permanente contradição e luta entre si. A luta de contrários constitui o conteúdo interno e a fonte do desenvolvimento. Da realidade.

A luta dos contrários é a fonte do desenvolvimento, os aspectos contrários não podem coexistir pacificamente no mesmo objecto.

- 2- **Lei da passagem das mudanças quantitativas as qualitativas:** a qualidade e a quantidade, estão interligados, transformam-se num desenvolvimento e em mudanças quantitativas graduais e em qualitativas radicais. Toda essa forma realiza-se em forma de salto.

Salto: é uma passagem geral obrigatória das mudanças quantitativas as qualitativas.

- 3- **Lei da negação da negação:** a evolução se realiza por meio da negação do velho pelo novo, do inferior ao superior. Quando o novo nega o velho, conserva e desenvolve os seus traços positivos e o desenvolvimento adquire um carácter progressivo.

Negação: é a substituição do velho pelo novo e dos elementos, prestes a atrofiarem-se, por elementos que nascem constituindo assim o desenvolvimento.

A negação é o processo de superação do velho pelo novo que acaba de nascer, tendo por base o velho.

7.3.4 As categorias da dialéctica:

Singular: são traços especiais inerentes a um objecto ou fenómeno ou pessoa. Cada pessoa concreta, tem os seus traços, capacidades hábitos, maneira de andar e falar que são particulares e únicos.

Geral: constituição de traços comuns inerentes a uma quantidade de objectos. Aproxima os objectos e condiciona a sua pertença a uma determinada espécie ou classe de objectos homogêneos.

Conteúdo: conjunto de elementos e processos que formam o objecto ou fenómeno dado.

Forma: é a estrutura ou organização do conteúdo, que não é algo externo, mas um elemento inerente internamente.

Essência: é o principal aspecto do objecto, que determina sua natureza, é dela que provem todos os demais aspectos e traços.

Fenómeno: aquilo que se nos aparece, é a expressão externa e directa da essência, é a forma de manifestar a essência.

Causa: grupo de fenómenos que procedem outros e os provocam. A causa procede sempre o efeito.

Efeito: fenómeno provocado pela causa.

Necessidade: fenómeno ou acontecimento que se produz obrigatoriamente desde que existam determinados condições:

Causalidade: não provem da natureza do objecto dado, é instável e temporária, mas não é desprovida de causa, sua causa não está no próprio objecto, mas fora dele, em condições e circunstâncias externas.

Possibilidade: desenvolvimento de um elemento, que depende da criação de premissas ou factores para o seu surgimento.

Realidade: é a possibilidade concretizada.

Tempo: propriedade geral dos processos materiais, que decorrem uns após outros numa determinada sequência, possui duração e se desenvolvem etapa por etapa.

Espaço: é a propriedade geral dos corpos materiais, que possuem determinada extensão, ocupam certo lugar e estão dispostos em determinada maneira entre outros corpos do mundo.

Determinismo: significa que toda realidade material, quer natural como social, está sujeita a um processo dialético de permanente evolução e de incessante movimento.

8 Referências Bibliográficas

- Aristóteles. (2007). *Metafísica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Comte, A. (1998). *Curso de Filosofia Positiva*. São Paulo: Abril Cultural.
- Descartes, R. (1996). *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Epicuro. (2005). *Carta sobre a felicidade*. São Paulo: Martin Claret.
- Kant, I. (1980). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marx, K. (1983). *Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Abril Cultural.
- Platão. (2001). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santo Agostinho. (1997). *Confissões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santo Tomás de Aquino. (2001). *Suma Teológica*. Petrópolis: Vozes.
- Sócrates (através de Platão). (2003). *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret.
- Zenão de Cítio. (2002). *Fragmentos estoicos*. Lisboa: Edições 70.



O seu saldo PayPal no M-pesa

Transfere o seu saldo **ESTAGNADO** no PayPal para o M-pesa ou E-mola por uma Taxa adicional de **+12%**

SOLICITE -NOS

Cell: +258 87 936 9395

Morada: Polana Caniço A,
Av. Vladimir Lenine, Maputo,
Moçambique



Aceitamos toda

Moeda estrangeira



- ✓ Pagamentos mobile
- ✓ Digital câmbio
- ✓ Transferência carteiras móveis
- ✓ Cartões de crédito

SOLICITE NOS JÁ ▶

Telefone
879369395

Morada
Polana Caniço A, Av. Vladimir
Lenine, Maputo, Moçambique

Alguma Questão?

Poderá entrar em contacto com a Filoschool, pelos meios de contacto ao lado. Pelo site poderá dispor da nossa vasta colecção de exames e guiões de correcção.

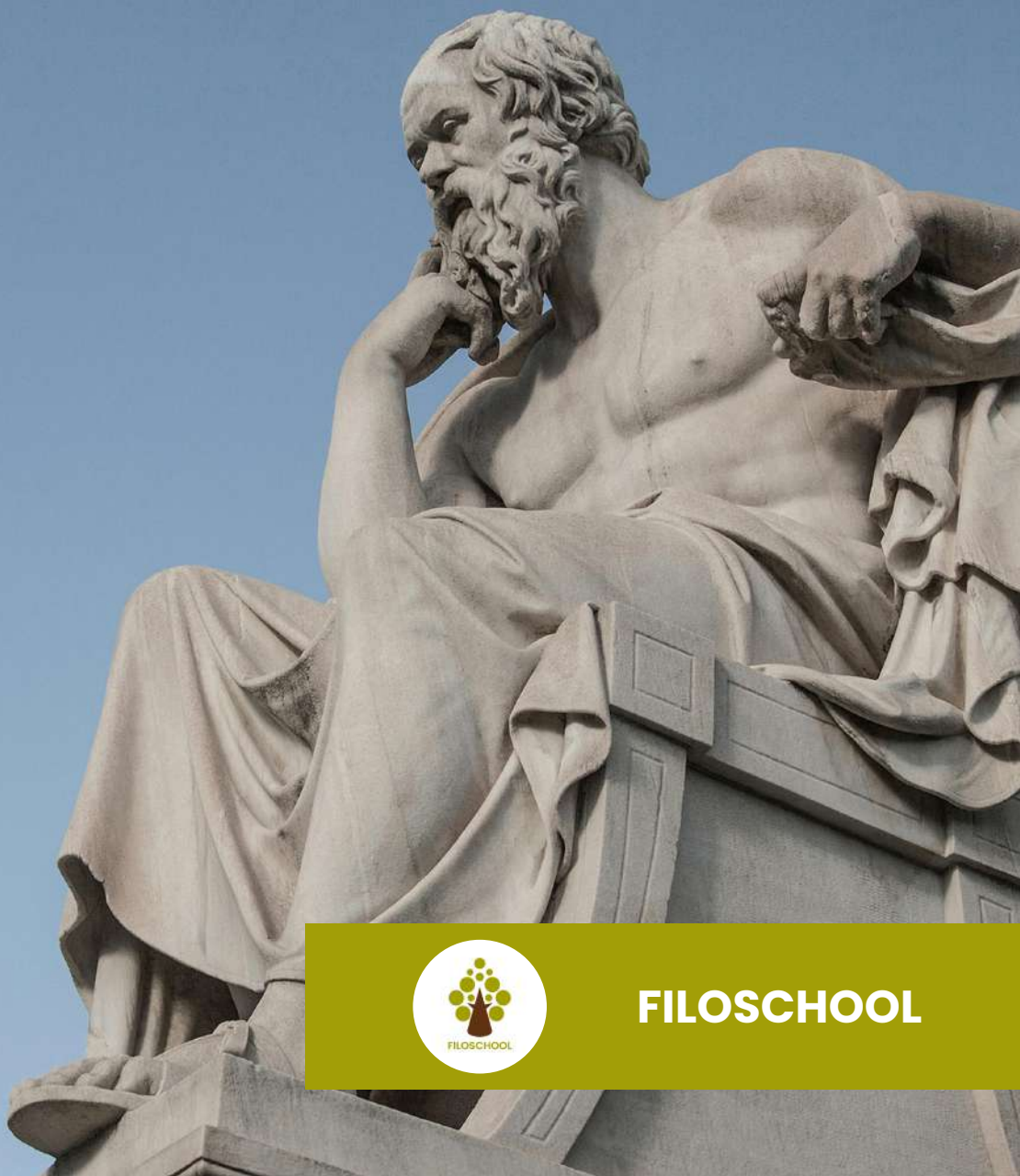
www.filotchila.com



filoschool.lida@gmail.com



+258 879369395



FILOSCHOOL